



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Paulo Henrique Lohn

**Lançar-se ao mar da humanização ancorado numa perspectiva bakhtiniana:
um caminho pedagógico transformado em narrativa de experiência**

Florianópolis

2021

Paulo Henrique Lohn

**Lançar-se ao mar da humanização ancorado numa perspectiva bakhtiniana:
um caminho pedagógico transformado em narrativa de experiência**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Giovani.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

LOHN, Paulo Henrique
Lançar-se ao mar da humanização ancorado numa perspectiva bakhtiniana: um caminho pedagógico transformado em narrativa de experiência / Paulo Henrique LOHN ; orientador, Fabiana Giovani, 2021.
109 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Letras, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras. I. Giovani, Fabiana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Paulo Henrique Lohn

Lançar-se ao mar da humanização ancorado numa perspectiva bakhtiniana: um caminho pedagógico transformado em narrativa de experiência

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Fabiana Giovani, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Nelita Bortolotto, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Rosângela Pedralli, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Letras.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Fabiana Giovani, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Como sujeitos inacabados e, portanto, em constante formação devido às diversas interações sociais que nos atravessam, a dedicatória desta dissertação poderia ser dirigida a muitas pessoas. No entanto, dedico a presente pesquisa a minha esposa (rainha), Raquel Petry Lohn Lohn, e a minha filha (princesinha), Betina Lohn, por todo amor, compreensão e estímulo que a mim emanam. Sem elas, com certeza, nada faria sentido.

AGRADECIMENTOS

*A vida é um rio / Estamos no mesmo barco
Remaremos juntos / Para onde vai esse rio
Ainda não sabemos / Mas, remaremos
juntos*

*Ainda temos estrelas para alcançar /
Sonhos para sonhar / Flores para regar
/Mas, precisamos fazer isso juntos / E
vamos fazer isso juntos*

*Oh, oh, oh, oh / Não seremos os mesmos
jamais*

*(A Vida é um Rio – Bruno Caliman, Lucas
Gonçalves, Raffa Torres)*

A Deus, criador de tudo, por conceder-me o dom da vida a cada amanhecer. Ele que ouviu minhas orações, protege-me, oferta-me saúde e, com certeza, acompanhou-me no percurso da pós-graduação.

A minha amada esposa, Raquel Petry Lohn Lohn, por ser meu permanente porto seguro e por encorajar-me a sempre enfrentar novos desafios. Contar com seu suporte, sua ajuda, seu companheirismo e sua confiança em meu potencial são fundamentais para todas as tomadas de decisão. Ingressar, cursar e concluir o mestrado são exemplos de sua força motivadora em minha trajetória. Sou profundamente grato ao destino e aos céus por colocarem em meu caminho um ser tão sublime, especial, compreensivo, empático e de um coração enorme. Afinal, quando os olhos da outra pessoa brilham por nossas conquistas, sabemos que estamos com quem realmente nos ama. A Raquel Petry Lohn Lohn é o amor da minha vida.

A meu mais precioso tesouro, minha filha Betina Lohn, cujo nascimento, em fevereiro de 2020, trouxe-me um novo e significativo olhar sobre o viver. Mesmo em tão tenra idade, minha primogênita oferece-me ensinamentos diários que tornam reais as compreensões a respeito de amor incondicional, de não se colocar mais em primeiro lugar e de perceber o quanto realmente somos sujeitos em constante construção.

A meus pais, Pedro Paulo Lohn e Eliane Aparecida Lohn e Lohn, pela vida, pelos anos de dedicação e cuidado para comigo. Agradeço a educação dada e o incentivo desde os primeiros anos de minha escolarização. Efetivamente, representam meus primeiros exemplos de seres humanos e, apesar de quase nunca externar, são pessoas muito amadas e admiradas por mim.

A minha orientadora, professora Dra. Fabiana Giovani, por aceitar meu convite, em março de 2020, e por contribuir tão grandiosamente para o presente estudo através das indicações de leituras, dos apontamentos na escrita e, principalmente, das inúmeras conversas incentivadoras. A receptividade, o profissionalismo, o conhecimento e a empatia são características fortes da professora e do ser humano Fabiana Giovani. A honra de conhecê-la, de ser seu mestrando e de tê-la comigo nessa viagem mostram o quão felizado fui/sou. Agradeço por sempre acreditar em mim, por apresentar-me a pesquisa narrativa, o poder das experiências vivenciadas e a relevância das memórias. Com certeza, ficará guardada em minhas lembranças, em meu coração para sempre.

Aos estudantes da turma 81, ano letivo de 2019, da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho pela parceria, pelo empenho e pelo engajamento junto ao Projeto Pedagógico: *São Pedro de Alcântara - Nossa Terra, Nosso Orgulho*.

Às docentes integrantes da banca de defesa da dissertação – professora Dra. Rosângela Pedralli e professora Dra. Nelita Bortolotto – pela prontidão em aceitar o convite, pelo carinho para com o estudo proposto, pela leitura atenta e por todas as importantes contribuições.

Ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por ser um programa inclusivo voltado a professores em efetivo exercício nos anos finais da educação básica. As disciplinas ofertadas contribuem na ressignificação e no aprofundamento de teorias e práticas que refletem diretamente na melhora do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

As minhas amigas da classe de mestrado (turma 2019/1), Daniela Aparecida Camolesi e Elizete Soares Geraldi, pela companhia durante a caminhada, pelos saberes compartilhados nos trabalhos e nas discussões em sala, pelas diversas oportunidades de

descontração nos espaços universitários, pelo apoio nos momentos de angústia. Que sorte a minha constituir laços de amizade com pessoas tão especiais.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, emanaram boas energias, vibraram com minhas conquistas e torceram para que tudo desse certo.

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. [...] Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(Grande Sertão: Veredas – João Guimarães Rosa)

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense
estar*

(Caminhos do Coração – Gonzaguinha)

RESUMO

Esta dissertação é resultado de um estudo sustentado pelas memórias do professor-pesquisador a partir do projeto pedagógico: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, cuja realização aconteceu no ano letivo de 2019, através de uma elaboração didática desenvolvida com estudantes de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal da mesma cidade que nomeia ao projeto, a qual, aliás, é a primeira colônia alemã do estado de Santa Catarina. A pesquisa tem como principal objetivo refletir, por meio da narrativa advinda do saber de experiência, sobre o quanto o trabalho com o texto literário repercute na formação humanizadora do sujeito, com vistas a estimular a valorização cultural e o sentimento de pertencimento, lançando, a partir da reflexão, uma proposição de trabalho. O referencial teórico para os estudos e as análises está embasado, essencialmente, em Mikhail Bakhtin devido às concepções de dialogismo, alteridade, excedente de visão e interculturalidade; em Antonio Candido e Tzvetan Todorov por abordarem a conceituação de literatura e letramento literário, assim como o poder da leitura para a humanização dos indivíduos; e em Rildo Cosson ao destacar o papel privilegiado da escola perante o trabalho com o texto literário. O suporte metodológico é o da pesquisa narrativa, cujo propósito consiste em narrar o vivido que, segundo Larrosa, engrandece significativamente o fazer da narrativa, enfatizando ser a construção do conhecimento um evento singular, o qual reflete o quanto e como o experienciar passou, aconteceu e tocou a pessoa. O processo de análise para identificar o alcance do trabalho realizado alicerça-se nos relatos vindos do resgate das memórias do professor-pesquisador e confrontados com perguntas produzidas a partir do aporte teórico. Sem a menor pretensão de entregar um modelo pronto de proposição pedagógica, apresenta-se uma seção com direcionamentos possíveis ao pensar a literatura em seu poder humanizador. As reflexões finais – originadas pela experiência vivida, cuja característica, como qualquer vivência, é de ser única – apontam para a relevância dos resultados frente à humanização dos estudantes por meio do texto literário.

Palavras-chave: Projeto Pedagógico. Literatura. Letramento literário. Memórias. Humanização.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a study supported by the researcher's memories from the pedagogical project *São Pedro de Alcântara – Our Land, Our Pride*, which took place in the 2019 school year, through a didactic plan developed with 8th grade elementary school students in the municipal public school system of the township that names the project, which, incidentally, is the first German colony in the state of Santa Catarina. The main objective of the research is to consider, through the narrative arising from the knowledge of experience, how much the work with the literary text affects the humanizing formation of the subject, with a view to stimulating cultural appreciation and the feeling of belonging to the subject's culture, projecting, from reflection, a work proposition. The theoretical framework for the study and analysis is based on Mikhail Bakhtin's conceptions of dialogism, alterity, excess of vision and interculturality; and on Antonio Candido and Tzvetan Todorov for approaching the conceptualization of literature and literary literacy, as well as the power of reading for the humanization of individuals; and in Rildo Cosson when highlighting the privileged role of school in the work with the literary text. The methodological support is that of narrative research, that has the purpose to narrate the experience that, according to Larrosa, significantly enhances the making of the narrative, emphasizing that the construction of knowledge is a unique event, which reflects how the experience happened and touched the person. The analysis process taken in order to identify the scope of the work is based on the reports coming from researcher's memories and confronted with questions produced from the theoretical support. Without the pretension of delivering a ready-made model of pedagogical work, we present a section with possible directions when thinking about literature in its humanizing power. The final reflections – originated by the lived experience, that is, like any experience, unique – point to the relevance of the results regarding the humanization of students through the literary text.

Keywords: Didactic elaboration. Literature. Literary literacy. Memoirs. Humanization.

SUMÁRIO

1 O SENTIR DA BRISA À BEIRA MAR: UM HORIZONTE A NAVEGAR INTRODUZIDO EM FORMA DE POEMA	13
2 DAS EXPERIÊNCIAS MARÍTIMAS: “O QUE NOS PASSA, O QUE NOS ACONTECE, O QUE NOS TOCA”	15
2.1 DENTRE TANTOS MARES: EDUCAÇÃO	15
2.2 ÁGUAS NÃO MAIS NAVEGADAS: DESVALORIZAÇÃO	17
2.3 OCEANOS DE LETRAS: LITERATURA.....	20
2.4 UMA NOVA NAVEGAÇÃO: HUMANIZAR	23
2.5 CARTA NÁUTICA: PANORAMA DA PESQUISA.....	25
3 DE BAKHTIN E ANTONIO CANDIDO A OUTROS ESTUDIOSOS.....	26
3.1 NOS MARES DA HUMANIZAÇÃO	27
3.2 BAKHTIN E SEU CÍRCULO DE ESTUDOS: UM GRANDE CAPITÃO.....	31
3.3 PRAIA LITERÁRIA: A ESCOLA COMO UM LOCAL PRIVILEGIADO	38
3.4 NO BALANÇO DAS ONDAS: CULTURA E INTERCULTURALIDADE	42
4 DA BÚSSOLA, DO PERCURSO E DOS SUJEITOS	46
4.1 DO DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	46
4.2 DA INVESTIGAÇÃO NARRATIVA	47
4.3 DA GERAÇÃO DE DADOS	50
4.4 DAS COMUNICAÇÕES VERBAIS QUE SUSTENTAM AS ANÁLISES DAS MEMÓRIAS DO PROFESSOR-PESQUISADOR.....	62
4.4.1 Sonetos	62
4.4.2 Dos anúncios publicitários	64
5 HUMANIZAÇÃO À VISTA: UMA SEÇÃO ANALÍTICA.....	66
5.1 UM CAMINHO POSSÍVEL	66
5.2 UM <i>ICEBERG</i> AVASSALADOR: A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS MODIFICA O ITINERÁRIO	67
5.3 UMA VIAGEM BEM SUCEDIDA: A RELEVÂNCIA DAS ESCOLHAS PARA CHEGAR AO DESTINO ALMEJADO.....	72
5.4 VIVÊNCIAS ETERNIZADAS: A AÇÃO HUMANIZADORA ANALISADA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DO PROFESSOR-PESQUISADOR.....	78

5.5 UMA PEQUENA RACHADURA PRESENTE NO CASCO DA EMBARCAÇÃO: ALGUMAS LIMITAÇÕES DO PROJETO PEDAGÓGICO: <i>SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA – NOSSA TERRA, NOSSO ORGULHO</i>	87
6 DAS MEMÓRIAS GUARDADAS ÀS EXPERIÊNCIAS EM NOVOS MARES: A EXCELÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO FRENTE A UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE HUMANIZAÇÃO DOS SUJEITOS	90
7 UMA BREVE RETROSPECTIVA DO VIVIDO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS AOS OLHOS DO PROFESSOR-PESQUISADOR	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	106

1 O SENTIR DA BRISA À BEIRA MAR: UM HORIZONTE A NAVEGAR INTRODUZIDO EM FORMA DE POEMA

Experienciar, narrar, humanizar

Dos mares europeus e com promessa de boas novas, um navio alemão aqui veio atracar.

Em acidentado chão catarinense, a primeira colônia alemã começa a se formar.

Os anseios emancipatórios transbordam no coração do povo

E, de distrito, São Pedro de Alcântara ascende a município novo.

A contemporaneidade, um problema cultural e identitário traz.

Os jovens munícipes com sua pequena cidade não se identificam mais.

Eis que surge, no seio da educação escolar,

Um caminho alemão para um projeto pedagógico realizar.

Nos braços de conceituados teóricos, uma pesquisa científica nasceu.

Com Candido e Cosson, o poder do texto literário floresceu.

O primeiro expõe ao sujeito a literatura enquanto fator humanizador,

O segundo aponta a escola como espaço favorecedor.

Debruçado nos estudos do mestre Bakhtin, a interação social merece homenagem.

No sujeito, no diálogo, na linguagem e na discursividade acontece a aprendizagem.

Propor ao *eu* e ao *outro* um embate de ideias com qualidade

Produz o excedente de visão, fomentador de sentidos e característico da alteridade.

A interculturalidade também se apresenta ao estudo como uma arma inigualável.

Ela não concebe a tolerância e a imposição às diferenças enquanto atitude aceitável.

Na realidade, é imprescindível que estereótipos sejam deixados no esquecimento.

Afinal, ao comparar a cultura alheia à minha, afloram a valorização e o pertencimento.

Para percorrer as etapas do trabalho científico, uma escolha metodológica é primordial.

Então, surge a narrativa como um procedimento de investigação fenomenal.

Nessa perspectiva, vem o *saber de experiência* de Larrosa que comprova

O isso que me passa como algo que me acontece, torna-me reflexivo e me transforma.

Findando as descobertas propiciadas pela pesquisa, há a análise dos dados.

Momento singular de evidenciar das ações os seus resultados.

Indescritíveis as comprovações ao perceber no sujeito a sua transformação.

Imensurável é ter, no fazer educativo, a sensação

De ser uma onda diante de um oceano dialógico, intercultural e repleto de humanização.

(Paulo Henrique Lohn)



(Ilustração: Raquel Petry L. Lohn)

2 DAS EXPERIÊNCIAS MARÍTIMAS: “O QUE NOS PASSA, O QUE NOS ACONTECE, O QUE NOS TOCA”

Viver é navegar em mar aberto, podendo – em diversos momentos – desfrutar de águas calmas e cristalinas, de ventos leves, de horizontes infinitos. No entanto, como em toda embarcação, há situações em que ocorrem reviravoltas nas condições marítimas e, então, deparamo-nos com escolhas, as quais nos levam ao enfrentamento de estrondosas tempestades. Logo, a tranquilidade pessoal e profissional existente em nossa vida acaba por dar espaço a tomadas de decisões cujas repercussões alteram consideravelmente o estourar das ondas.

2.1 Dentre tantos mares: Educação

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente.
(Bakhtin)

Inicialmente – ao observar o mapa de navegação de minha trajetória para adentrar e permanecer na carreira de professor – proponho-me a escrever minhas vivências, meus guardados que, pela distância temporal, chegam a parecer esquecidos ou depositados em compartimentos longínquos da minha mente e, - por que não? -, do meu coração. O ato de narrar memórias é uma oportunidade singular de compartilhar as experiências e, no caso de uma dissertação, explicitar os percursos formadores do sujeito-pesquisador.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

Em 2001, ao finalizar a última expedição da educação básica, o ensino médio, eu precisaria, para o ano seguinte, ascender de marujo a capitão, passando a conduzir sozinho os trajetos de minha vida. Não por minha família assim determinar, mas por compreender que meu ciclo enquanto pessoa assim o exigia. Afinal, optar por ingressar ou não no nível superior e por qual curso realizar são atitudes que, ao meu entender, competem ao próprio indivíduo em questão. Havia duas certezas em mim: não queria seguir nenhuma das três profissões de meu pai – lavrador, pedreiro e comerciante do CEASA (Central de Abastecimento) – e também não desejava ser professor. Os trabalhos de meu pai eram e são muito dignos, porém sofridos e exigem força braçal constante. Docente era e é uma ocupação nobre, entretanto não reconhecida socialmente e pouco valorizada.

Desse modo, tomando o leme em minhas mãos e sem ter outras opções empregatícias, aceitei as condições que a maré me oportunizava, ou seja, de 2002 a 2003, precisei continuar trabalhando em família: lavoura, construção e comércio, até para poder pagar minha faculdade, uma vez que, pelo menos o curso universitário, eu pude escolher: jornalismo. Após três semestres, senti-me apto a desenhar o mercado de trabalho no ramo da comunicação social em Santa Catarina e percebi que minha realidade social não me dava o conforto de, talvez, graduar-me e ficar desempregado. Então, mudei, mesmo sem sentir-me feliz, para o curso de administração.

No ano de 2004, insatisfeito e praticamente à deriva em virtude de meu trabalho e de meus estudos, resolvi buscar novos rumos profissionais e acadêmicos. Em fevereiro, por intermédio de uma tia de minha mãe, fiquei sabendo da necessidade de uma escola pública estadual em São Pedro de Alcântara¹ de contratar um professor de língua inglesa e, como havia feito cursinho de inglês durante parte do meu Ensino Médio, apresentei-me como interessado na vaga. À época, quando não existiam docentes habilitados ou interessados inscritos junto à Gerência de Educação, a direção da instituição de ensino podia indicar uma pessoa para ocupar a vaga, sendo, obviamente, contratada pela Secretaria de Estado da Educação. Na oportunidade, até por sermos eternamente seres inacabados, disse a mim mesmo que, caso eu conseguisse o emprego, alteraria minha graduação para uma licenciatura, ou seja, tal acontecimento seria essencial para saber a direção que deveria dar a minha nau.

¹ Município pertencente à mesorregião da grande Florianópolis. Minha mãe é natural dessa cidade e, portanto, meus contatos com São Pedro de Alcântara eram para visitar meus parentes.

Ao contrário do que revela o senso comum, o destino de uma pessoa não se prende somente às características próprias de sua personalidade – disposição, inteligência, caráter, vocação, aptidão, dons e méritos pessoais, que podem ser cultivados de maneiras diversas –, mas depende principalmente do fato de ter nascido num determinado momento histórico e num certo ambiente sociocultural, definido por elementos estruturais bem precisos: de ordem econômica, política, educacional. Esses elementos pesam sobre as opções de cada um e acabam por prescrever o futuro no mais longo termo, orientando a escolha pessoal e exercendo forte influência sobre o itinerário profissional (VALLE, 2006, p. 179).

Alguns dias após minha apresentação à direção, recebi a informação, por telefone, que seria contratado. Naquele exato momento, um maremoto atingiu-me, porque, apesar de, durante minha infância, haver brincado de “escolinha” com meus primos ou por haver simulado classes diferentes de alunos em meu quarto, para os quais dava aulas, explicando conteúdos, chamando a atenção dos estudantes desobedientes etc., eu nunca havia almejado ser educador. Diante de meu primeiro emprego oficial, realizei uma transferência interna na universidade em que estava matriculado e fui cursar Letras, Português e Inglês.

Enfim, entre tantas conquistas, ao longo dos anos em alto mar, registro, no âmbito acadêmico, a conclusão de minha licenciatura em Letras e de minha segunda graduação em Pedagogia, bem como a realização de duas especializações na área da educação e o ingresso no Mestrado Profissional. Já, na esfera profissional, pontuo os meus dois vínculos efetivos atuais: professor de língua portuguesa e inglesa na rede municipal de São Pedro de Alcântara e assistente de educação na rede estadual de Santa Catarina. Pontuo que, no trabalho junto à educação, encontrei, apesar de algumas névoas, a mansidão necessária para navegar.

2.2 Águas não mais navegadas: desvalorização

São Pedro de Alcântara / O teu povo
sempre cantará

Escreveste para a nossa história / Página de
glória, de trabalho e amor.

(Hino de São Pedro de Alcântara – José A. Santana)

No ano de 2005, quando do início de meu fazer docente na rede municipal, fui lecionar na Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, localizada na Rua Manoel Pedro Silveira, nº 507, bairro Santa Teresa, cidade de São Pedro de Alcântara, Santa Catarina. É a única unidade de ensino pertencente à esfera municipal que atende estudantes de todo o ensino fundamental (hoje do primeiro ao nono ano).

Na instituição, comecei, e por muito tempo assim o foi, sendo professor de língua inglesa. Já no primeiro mês de trabalho, uma solicitação feita pela secretaria de educação chamou-me a atenção. Incumbiram-me de realizar uma pesquisa de intenção de estudo, com os alunos do fundamental II, a respeito da preferência deles quanto a permanecer tendo alemão na grade curricular ou só ficar com o inglês. Tal pedido deixou-me intrigado, pois, até o final de 2004, a turma de alunos, nos momentos de aulas de língua estrangeira, dividia-se, porque, conforme matrícula prévia feita pelos pais e/ou responsáveis, os estudantes que estavam inscritos em inglês ficavam numa sala e aqueles cuja preferência era pela disciplina de alemão dirigiam-se para outro ambiente. Para esclarecer minha inquietação quanto ao levantamento, faz-se necessário destacar que São Pedro de Alcântara é a primeira colônia alemã do estado catarinense, ou seja, estimular e defender a permanência da língua alemã no currículo deveria ser inquestionável².

O registro do presidente da província de Santa Catarina, quando da elevação – em 1844 – da condição de colônia para freguesia, corrobora o dado histórico de ser a primeira do estado.

O assento da Colônia de S. Pedro d'Alcântara, no Districto de S. José, a primeira da Província, fundada com colonos alemães, por ordens do Governo Imperial em 1828, ainda que mal escolhida, nem por isso deixou de ser povoado e de estar hoje florescente a Colônia [sic] (BRITO, 1844, p. 26).

Ao término de minha pesquisa, mais uma constatação causou-me estranheza: apenas três estudantes, de um montante de cerca de oitenta³, demonstraram vontade em aprender a língua alemã. Alguns dos argumentos utilizados pelos educandos para justificar suas escolhas eram: o inglês é um idioma internacional – cujo uso está presente nas músicas, nos jogos, nas viagens; o alemão é difícil; não somos alemães; essa língua só é ensinada nessa escola e, portanto, pouco nos servirá, pois, como São Pedro de Alcântara não tem nada, é bem provável que, no futuro, será apenas nossa cidade dormitório ou nem moraremos aqui em virtude da falta de oportunidades de emprego.

Como reflexo de política educacional pública da época, passou a vigorar a disciplina de inglês enquanto língua estrangeira. Todavia, cabe salientar que, desde

² A disciplina de alemão era lecionada para as turmas do Ensino Fundamental II, sendo que, ao realizar a matrícula, a família escolhia a língua estrangeira que o estudante iria frequentar. Então, nas aulas de idioma – conforme grade de horários de cada turma – a classe dividia-se, pois alguns ficavam na sala para ter aula de inglês e outros se dirigiam ao espaço disponibilizado para as aulas de alemão.

³ Pesquisa realizada com as turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

2005, havia duas inconformações latentes em mim, pois não conseguia conceber – tanto da parte do poder público quanto dos pais/responsáveis e alunos – a falta de incentivo a um aspecto histórico e cultural intrínseco da cidade: ser a primeira colônia alemã do estado, além de não compreender por que os estudantes desvalorizavam sua cidade. É relevante mencionar que, em 2009, o inglês e o alemão⁴ passaram a compor e compõe até hoje a grade curricular de todo o ensino fundamental da rede pública municipal.

Com o desenrolar dos anos, já residindo⁵ na cidade e tendo um vínculo maior com a comunidade⁶, comecei a evidenciar os fatores responsáveis pelo distanciamento e pela ausência de identificação do povo, em especial, das crianças e jovens pela cultura germânica e pelo próprio município. O porquê inicial tem relação a não terem vivenciado a fase em que São Pedro de Alcântara, ainda distrito de São José, era referência para as cidades vizinhas na venda de alimentos e tecidos.

É certo que, conforme Santino de Andrade (2000) em sua dissertação intitulada *Os alemães estão chegando: discursos sobre o imigrante alemão em S. C. (1850 -1890)*, há características específicas da colônia que a levaram a não progredir, sendo elas: “distribuição inadequada dos lotes, solo com pouca fertilidade, topografia acidentada e a falta de experiência com as coisas da agricultura, levou ao insucesso de tal empreendimento”. Une-se a esse motivo a falta de investimentos do governo imperial para com a lavoura das famílias alemãs.

Apresentam-se, como aspectos responsáveis pela estagnação populacional e econômica da região, o êxodo dos colonos para outras localidades da província e, principalmente, a construção por parte do governo de uma nova estrada em direção a Lages. Logo, o acesso ao planalto não dependia mais de São Pedro de Alcântara.

Outro ponto visível no que tange à desvalorização e ao sentimento de não pertencimento à cultura alemã, é que há dezessete anos o município, cuja emancipação ocorreu em 1994, vem propondo ações culturais como a *Oktobertanz*⁷ – festividade que

⁴ A lei nº 723, de 19 de dezembro de 2012, instituiu as disciplinas de alemão e inglês como obrigatórias no currículo do ensino fundamental da rede municipal de ensino.

⁵ Em 2012, além de trabalhar em São Pedro de Alcântara, também foi onde fixei morada, pois me casei com Raquel Petry Lohn Lohn, cidadã alcantarense. Logo, minhas interações com as esferas sociais pertencentes ao município solidificaram-se.

⁶ Afetivamente, eu já possuía vínculo com o município, pois é a cidade natal de minha mãe e de toda a minha família materna. Logo, além de visitas aos parentes, participava, não com grande frequência, de algumas festas e eventos da cultura local.

⁷ Evento oficializado pela lei nº 402, de 14 de setembro de 2006, como atividade cultural e social de resgate, preservação e fomento às tradições germânicas no município de São Pedro de Alcântara.

abre o calendário de festas alemãs em Santa Catarina –, porém a participação dos munícipes é pequena.

Em relação ao distanciamento do falar o alemão, é bastante provável que a política linguística do governo Vargas – a lei de nacionalização –, a qual proibiu o uso de línguas estrangeiras em território nacional como forma de introduzir nos imigrantes a cultura do povo brasileiro, tenha afastado à força a prática do idioma e, para as gerações futuras, ficou o entendimento de língua proibida ou não valorizada.

Com o objetivo de promover uma identidade nacional, o presidente Getúlio Vargas sancionou o Decreto-Lei 406, de maio de 1938, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Iniciou aí campanha de nacionalização, que coibiu o uso de línguas estrangeiras, bem como manifestações culturais e posse de materiais que lembrassem os países de origem dos imigrantes (BUENO; CARAMEZ; BACKES; CASTRO, 2016).

Portanto, diante das breves ponderações, fica perceptível uma ausência de identidade cultural por parte de algumas pessoas, destacando os alunos. Nesse sentido, é importante conceituar, numa perspectiva antropológica-social que, conforme Manuel Castells (2001, p. 22), “entende-se por identidade a fonte de significação e experiência de um povo”. Pérsio Santos de Oliveira (2001, p. 139) relata, na mesma direção, que a identidade cultural configura-se como uma espécie de “sentimento de pertencimento”.

2.3 Oceanos de letras: literatura

Se a literatura é verdadeiramente um patrimônio, este patrimônio é, antes de mais nada, um patrimônio de debates, de trabalho interpretativo a propósito da pessoa humana, de sua sociabilidade, da diversidade sociocultural, e das possibilidades do uso da língua.

(Bronckart)

Em um arquipélago, cada ilha é singular e fundamental para o todo, ou seja, cada pedaço de terra subcontinental cercado por água tem suas próprias características. Assim também são as pessoas – seres únicos, heterogêneos – que impregnadas de distintas vozes, isto é, de falas e olhares de seus familiares, de seus amigos, de seus professores e de outros se constituem enquanto sujeitos e integralizam a sociedade. Desse modo, determinada por uma dimensão axiológica, a consciência individual da realidade histórica, social e cultural é resultado da interação com consciências alheias.

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe,

etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 1997, p. 378).

Internalizando a interação social como base da formação humana, no ano de 2019 – quando passei a assumir turmas de língua portuguesa na rede municipal –, decidi planejar minhas aulas com o intuito de, através da literatura, trazer à tona e discutir com os estudantes a temática de valorização da história, da cultura e da gente alcantareense.

Três aspectos fomentaram, ainda mais, meu desejo em desempenhar minha docência nessa perspectiva: 1) o ingresso, também em 2019, no PROFLETRAS⁸, pois, desde as primeiras aulas do curso de mestrado, os encaminhamentos e as explicações dos professores apontavam para a imprescindibilidade de proporcionar atividades significativas aos nossos alunos, ou seja, desenvolver propostas alicerçadas nas práticas de interação social e de uso real da língua, com vistas a potencializar o processo de ensino e aprendizagem; 2) a comemoração dos 190 anos de imigração alemã em Santa Catarina e o aniversário de 25 anos de emancipação política de São Pedro de Alcântara; 3) a necessidade de trabalhar o dia⁹ municipal da consciência alemã.

A turma 81, 8º ano matutino, foi selecionada para o desenvolvimento do projeto pedagógico denominado: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. A escolha da classe deu-se em virtude do livro literário sustentador de grande parte das atividades ser composto por poesias, muitas delas sonetos, e devido à proposta curricular municipal destinar a esse ano/série do ensino fundamental a abordagem mais aprofundada de tal gênero do discurso. Acrescenta-se que *Um Caminho Alemão*¹⁰ (2017), de Luiz Cláudio Stähelin, foi a obra eleita para subsidiar os trabalhos.

A respeito do projeto pedagógico: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, é possível que dois questionamentos ocorram: Por que iniciar pela literatura? Por que fazer da leitura o sustentáculo do projeto? Então, de acordo com Todorov (1939), a literatura incentiva o indivíduo a buscar o seu melhor, a expor seus mais

⁸ Programa de Mestrado Profissional em Letras, oferecido em rede nacional, é um curso de pós-graduação *stricto sensu* que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

⁹ Instituído pela lei nº 699, de 14 de agosto de 2012, o dia da Consciência Alemã, estipulado como 1º de março, é comemorado nas unidades da rede municipal de ensino público com atividades destinadas a resgatar a importância social, histórica e cultural da imigração Alemã no município de São Pedro de Alcântara.

¹⁰ Publicada em 2017, a obra lírica relata um tempo da história catarinense, um tempo de afirmação territorial. O livro remete à trajetória e às memórias dos novos moradores de Santa Catarina, os quais se instalaram na primeira estrada que ligava Desterro à região serrana: o Caminho das Tropas também conhecido por Caminho Alemão.

diversos sentimentos, a se tornar próximo dos outros e a se modificar começando pelo seu interior. Antonio Candido (2004) afirma sobre a literatura:

Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três fases: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2004, p. 178).

Logo, o texto literário é bastante relevante no processo de ensino e aprendizagem, porque não se resume a um gênero, mas sim à possibilidade de confrontar diferentes visões no que tange à concepção de mundo e, nesse duelo, o sujeito é quem ganha com a assimilação ou a ampliação de saberes referente aos acontecimentos passados que permitem a análise e o entendimento do presente, com vistas -, por que não? -, a projetar o futuro.

Quanto à leitura, é uma prática interativa de grande valor para os conhecimentos de mundo, linguístico e textual. A relação autor e leitor é primordial para a construção de sentidos.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza a leitura, o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor justamente utiliza diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo (KLEIMAN, 1989, p. 13).

Preciso registrar meu contentamento pessoal e profissional referente à experiência de pôr em prática o projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. Trago as palavras de Larrosa, presentes no texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, quando ele menciona que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2002, p. 21).

Assumindo tal pressuposto, evidenciamos que a experiência está intimamente conectada ao sujeito, colocando-o na posição de protagonista desse processo. Portanto, tudo aquilo que nos passa sem nos tocar, sem nos dizer algo, sem nos transformar, continuará sendo apenas uma informação, uma opinião, uma obrigação do trabalho, uma necessidade momentânea, mas que em nada nos agregará e não nos ofertará verdadeiro sentido/significado. É imprescindível que haja uma reflexão sobre os espaços escolares

com a finalidade de colocar o estudante no centro do processo educativo, porque, assim, ele estará à frente do seu processo de construção e de reconstrução da experiência.

Particularmente, tenho certeza de que eu – o professor – fui contemplado pelo saber de experiência na execução da proposta. Aliás, é pertinente salientar que tal saber é particular, finito e, por isso, a elaboração do sentido ou do não-sentido não é unânime.

Assim:

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LARROSA, 2002, p. 27).

Como instrumento de investigação, a pesquisa narrativa contribuirá para refazer os percursos traçados pelos estudantes ao realizarem seus trabalhos durante o projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. A partir da reconstrução, ou melhor, da viagem ao vivido, haverá dados substanciais para refletir a respeito da problemática instituída, com a finalidade de verificar o fator humanizador da literatura junto aos alunos e, principalmente, permitirá um olhar para o “eu” professor e sujeito, possibilitando reconhecer o que me passou, o que me aconteceu e o que me tocou ao ponto de instituir-se como saber de experiência. Aliás, no intuito de guiar essa análise, elenquei um questionamento como eixo norteador.

2.4 Uma nova navegação: humanizar

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz.

(Freire)

Com o propósito de aproveitar os bons ventos e o poder concedido pela narração, proponho-me a desenvolver a presente pesquisa com o objetivo de responder à seguinte questão central:

“Como o trabalho com o texto literário, numa perspectiva bakhtiniana, contribuiu para a humanização dos estudantes?”

Essa indagação principal, aliás, desdobra-se em outra:

“É possível, por meio da narrativa do professor-pesquisador, reconhecer nos sujeitos envolvidos a valorização e o sentimento de pertencimento para com o lugar em que moram/estudam?”

Constitui-se como objetivo geral desse trabalho:

- Refletir, por meio da narrativa advinda do saber de experiência, o quanto o trabalho com o texto literário repercutiu na formação humanizadora do sujeito, com vistas a estimular a valorização cultural e o sentimento de pertencimento, lançando, a partir da reflexão, uma proposição de trabalho.

Então, como dados que oferecem parâmetros, estarão os objetivos específicos:

- 1) Analisar, por meio da memória do pesquisador narrador, os materiais produzidos durante o desenvolvimento do projeto *São Pedro de Alcântara - Nossa Terra, Nosso Orgulho*;
- 2) (Re)conhecer os reflexos e as refrações do saber de experiência na/da prática docente do professor-pesquisador;
- 3) Dispor de um caminho teórico-metodológico no processo de humanização por meio da literatura.

Para contemplar o estudo – cuja narrativa é o caminho escolhido para reconstituir a trajetória vivida e refletir como o processo de humanização dos sujeitos pode ser evidenciado por meio do trabalho com a literatura – o aporte teórico recorrerá, principalmente, às contribuições dos seguintes autores: Jorge Larrosa, o qual aborda o

saber de experiência enquanto uma vertente necessária para a formação e para a prática docente; Mikhail M. Bakhtin, que fundamenta a pesquisa com seus conhecimentos referentes ao Círculo de Bakhtin, ao dialogismo, à interação social, à alteridade, ao excedente de visão, à interculturalidade; Antônio Candido, responsável por trazer a literatura como fator humanizador; Rildo Cosson, cuja contribuição abrange o letramento literário; Liana Arrais Serodio e Guilherme do Val Toledo Prado, os quais apontam para a pesquisa narrativa como metodologia e método de investigação.

Torna-se prudente reforçar que o processo vivenciado referente ao projeto pedagógico ocorreu na Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental formada por 21 estudantes, no período de março a novembro de 2019. Mais dados acerca da unidade de ensino e dos alunos envolvidos serão detalhados nos próximos capítulos.

2.5 Carta náutica: panorama da pesquisa

O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas não entra na história. É necessário um segundo nascimento, o nascimento social.

(Bakhtin)

Analisar mapas de navegação e compreender quais mares compõem o trajeto até a terra almejada é fundamental para a tripulação situar-se e ter ciência do que esperar em cada etapa. Desse modo, encerro apresentando a sequência organizacional do presente estudo, enfatizando ser uma pesquisa narrativa, a qual, no campo educacional, é entendida como instrumento de investigação e formação.

Essa perspectiva de trabalho, [...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história (SOUZA, 2006, p. 139).

Então, no âmbito da constituição, o trabalho contará, na sequência, com as seções: aporte teórico, metodologia de investigação, análise de dados, consideração finais e referências bibliográficas.

3 DE BAKHTIN E ANTONIO CANDIDO A OUTROS ESTUDIOSOS

Antes de içar velas e, definitivamente, aventurar-se em uma navegação, toda a tripulação necessita estar a bordo, ocupando suas funções com o intuito de garantir ao navio uma condução tranquila e segura. Logo, a seleção de cada integrante responsável por conduzir a embarcação deve considerar seus conhecimentos acerca da tarefa a ser executada. Do mesmo modo, ao construir uma pesquisa no campo da educação, o aporte teórico é peça essencial para subsidiar as análises e as conclusões referentes ao objeto de estudo elencado.

Como a escolha pela pesquisa narrativa sustenta o presente estudo, a finalidade é “fugir de uma investigação positivista que pode ditar normas, acertos e erros” (GIOVANI, 2010), optando por partir da subjetividade para alcançar a objetividade. Afinal, o trabalho aqui apresentado, “lida com gente, com sujeitos e, portanto, qualquer análise que se aplique a estes se deve pautar na subjetividade que lhes é inerente” (GIOVANI, 2010).

Não se podem contemplar, analisar e definir as consciências alheias como objetos, como coisas: comunicar-se com elas só é possível dialogicamente. Pensar nelas implica conversar com elas, pois do contrário elas voltariam imediatamente para nós o seu aspecto objetificado: elas calam, fecham e imobilizam-se nas imagens objetificadas acabadas (BAKHTIN, 1997, p. 68).

A partir desse entendimento, a fundamentação teórica dessa dissertação parte da conceituação de literatura – enfatizando sua característica humanizadora – perpassa algumas compreensões de Bakhtin e seu Círculo¹¹ de estudos como, por exemplo, concepções de linguagem, de enunciado, de dialogismo, de gêneros do discurso, de alteridade e de excedente de visão – destaca a escola como espaço propício para o letramento literário, entendendo o trabalho com o texto literário uma possibilidade bastante significativa para a realização de inúmeras estratégias constituintes do processo de ensino e aprendizagem – e elenca a compreensão de interculturalidade junto às noções de língua e de cultura.

Para sustentar a pesquisa, os aportes teóricos com maior relevância estarão a cargo de Antonio Candido, Rildo Cosson, Mikhail M. Bakhtin, Tzvetan Todorov e Jorge Larrosa.

¹¹ O Círculo de Bakhtin é um grupo composto por intelectuais de diversas áreas do conhecimento, entre os quais estavam Valenti Volóchinov, linguista, e Pável Nikoláievich Medviédev, crítico literário, com os quais Bakhtin compartilhou a autoria de várias publicações. Esse grupo, conhecido posteriormente por Círculo de Bakhtin, tinha o propósito de debater ideias filosóficas do passado e em voga na época, focalizando, dentre inúmeros temas, questões pertinentes à literatura e à linguagem (FARACO, 2009).

3.1 Nos mares da humanização

Humanizar é crer, é confiar no ser humano. É estar disposto, permanentemente, engrandecendo em todos e em cada um de nossos alunos, a globalidade de suas potencialidades, isto é, aumentar neles o potencial de inteligência, de sensibilidade, de solidariedade e de ternura que se esconde em sua humanidade.
(Bazzara)

Inicialmente, torna-se relevante conceituar o termo literatura, pois o projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* fez uso de uma obra literária para desenvolver grande parte de suas atividades, as quais objetivavam a humanização do sujeito.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 2004, p. 174).

Em sua obra *Literatura e Sociedade* (2000), Antonio Candido sintetiza que o ato de ler não deve ser voltado simplesmente à imposição de concepções, de pensamentos e mentalidades fixadas pela hierarquia de uma época. Na realidade, a leitura deve propiciar o engajamento, ou melhor, uma conversa profunda entre o leitor e a produção escrita, entre o texto e o contexto, possibilitando o envolvimento de diferentes áreas como: arte, política, ciência, filosofia, economia e cultura na construção de distintas interpretações e, fundamentalmente, na reflexão acerca da sociedade atual e da futura. Candido destaca em relação à relevância da literatura:

só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatos externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é independente, se combinam com momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel de constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2000, p. 04).

No livro *Letramento literário teoria e prática* (2018b), Rildo Cosson, a respeito da interação e do diálogo resultantes do processo de leitura, reforça o entendimento de que tanto o leitor quanto o texto são eixos indissociáveis e de níveis de centralidade idênticos. Ele afirma:

o leitor é tão importante quanto o texto, sendo a leitura o resultado de uma interação. Trata-se, pois, de um diálogo entre autor e leitor mediado pelo texto, que é construído por ambos nesse processo de interação. O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor e ao texto para ser controlado pela sociedade. A leitura é resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2018b, p. 40).

Candido, no texto *A literatura e a formação do homem* (2002) expõe as três funções da literatura: a de caráter psicológico cujos recursos de criatividade e de imaginação deslocam o leitor de seu universo real para o ficcional; a de âmbito formativo que desempenha no indivíduo a compreensão da importância da leitura e do ensino literário; a de ordem social, a qual entrelaça o pensamento reflexivo com o de transformação, desenvolvendo no ser humano sua consciência social perante à realidade que o cerca. Aliás, é por meio da articulação desses três fatores que a universalização e o aspecto humanizador do texto literário podem ser evidenciados. Nas palavras do autor:

Entendo aqui por humanização (como já tenho falado dela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Diante do exposto, a literatura pode ser entendida “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”, pois proporciona o desenvolvimento da cidadania através do conhecimento, da criticidade, da ampliação cultural, da expressividade, da independência, da empatia, bem como do confronto e da conexão entre os tempos e os sujeitos. “Ela [a literatura] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

Torna-se necessário mencionar que nem sempre o acesso aos mesmos direitos e deveres era pensado a todos os indivíduos, porque houve um período histórico no qual se acreditava ou desejava internalizar na sociedade a concepção da máxima que determinava, por exemplo, o destino da pessoa, ou seja, caso nascesse numa classe social privilegiada era para ali se manter, caso fosse fruto de pais pobres era para viver sendo pobre. Enfim, essa era uma mentalidade bastante interessante para as classes

dominantes, pois negligenciava e inibia aos homens a ideia de lutarem por melhores condições de vida, ou seja, haveria sempre um grupo inferiorizado cuja exploração garantiria a manutenção das regalias dos superiores socialmente.

Hoje não se afirma com a mesma tranquilidade do meu tempo de menino que haver pobres é vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem for vadio, e coisas assim (CANDIDO, 2004, p. 171).

O próprio acesso à literatura é visto, na atualidade, com outros olhares. Isso porque ela também é um direito de e para todos. Afinal, a prática da leitura é uma das mais consistentes formas de fomentar no ser humano a ressignificação de seus pontos de vista, de seus princípios frente à vida, ao próximo e ao mundo. Os resultados, aliás, são melhores ainda quando se desenvolvem o contato com o texto literário e o ato de ler literatura, uma vez que a obra literária vem impregnada de aspectos históricos, filosóficos, culturais, religiosos, econômicos – enfim – vem repleta de características referentes a um momento da história real de um povo. Ela possibilita aos homens um entendimento de seu passado e, portanto, implica diretamente com o presente que se vive. É, assim, uma ferramenta valorosa e, diversas vezes, atemporal.

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...] sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 175).

Entretanto, a quantidade de livros lidos em média pela população leitora brasileira – conforme dados provindos do Instituto Pró-Livro, tomando como referência a pesquisa publicada na edição *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) – é de 4,7 ao ano. Destaca-se que, desse conjunto de leitores, o grupo pertencente ao ensino fundamental II contabiliza apenas 27%.

Rildo Cosson, em sua obra *Círculos de leitura e letramento literário* (2018), acrescenta ainda que:

se os brasileiros leem pouco, leem menos ainda literatura. Parte dos livros lidos são obras didáticas, consoante o perfil de aluno da maioria dos leitores, e o livro mais lido é a Bíblia. Quando leem literatura, o texto selecionado é o *best-seller* do momento, seguido pela leitura indicada pela escola, como se supõe pela presença de obras canônicas e de literatura infantil na lista dos preferidos. Aliás, não é sem razão que o professor é o principal mediador da leitura, ainda que os livros indicados pela escola sejam majoritariamente didáticos. Para completar, quando vai à biblioteca, o leitor o faz basicamente para estudar e apenas 17% da população vê esse espaço como um lugar onde se pode tomar emprestado livros de literatura (COSSON, 2018, p. 12).

Verifica-se, portanto, que há de haver uma ação maior de incentivo à leitura junto às crianças e aos adolescentes, contribuindo para uma formação humana plena e para uma elevação do indivíduo do nível de alfabetizado para um ser crítico, pensante e pronto para interpretar o mundo.

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação como os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Tzvetan Todorov, por meio dessa citação de seu livro *A literatura em perigo* (2009) reforça que o leitor recebe estímulos para ampliar seus conhecimentos externos e internos quando de sua inserção no universo literário. Isso porque o convívio com os seres de sua espécie, – pai, mãe, irmãos, vizinhos etc. –, ofertam o início de sua formação humana. Todavia, a plenitude formativa ocorre através da leitura, a qual permitirá o exercício reflexivo frente às situações enfrentadas e às condições sociais estabelecidas. Logo, o ato de ler literatura é princípio primordial para a verdadeira inserção cidadã do sujeito, desbancando, por exemplo, a preocupação de focar demasiadamente nos saberes provindos dos conteúdos curriculares. É importante salientar que cabe à escola o compromisso em fomentar o gosto pela leitura, assim como pode ser uma ação desempenhada em conjunto com a comunidade escolar. Joana Cavalcante (2002), em relação à relevância da formação de leitores para o desenvolvimento de uma nação, argumenta que:

uma sociedade não letrada, ou mesmo formada por leitores funcionais, está fadada à condição de miséria e indignidade. Nunca a questão da formação de leitores foi tão discutida como nos dias atuais, até porque se entende que o desenvolvimento de uma nação depende do nível de letramento dos seus habitantes. Não existe país livre e desenvolvido sem investimentos na educação e na leitura (CAVALCANTE, 2002, p. 02).

Portanto – para realmente formar cidadãos ativos, partícipes, críticos e cientes de seu papel transformador – é imprescindível desenvolver ações coletivas de incentivo ao ato de ler, priorizando a leitura literária. Isso porque a literatura humaniza e oferta aos sujeitos, que estão inseridos em uma realidade historicamente construída, os conhecimentos necessários para entender o presente e projetar um futuro mais digno e justo a todos.

3.2 Bakhtin e seu Círculo de estudos: um grande capitão

(...) todas as palavras (enunciados, produções de discurso literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo num mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação neste mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada) a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana.

(Bakhtin)

Em sua obra *Círculos de leitura e letramento literário* (2018), Cosson justifica o fator valorativo atribuído à leitura, porque o ato de ler constituiu-se por um

vasto campo de saber que envolve desde o mapeamento de áreas do cérebro no momento físico da leitura até a condução de políticas públicas destinadas a promover o domínio da escrita, criando seções específicas em disciplinas tradicionais, tais como história da leitura e psicologia da leitura, e incorporando diversas abordagens, a exemplo do funcionalismo, da fenomenologia e do socio-interacionismo, originadas nos campos da linguística, da filosofia e da educação (COSSON, 2018, p. 34).

A partir da ponderação, percebemos que inúmeras são as concepções alicerçantes das teorias referentes à leitura literária, mas, para a vertente adotada para o projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, elegemos aquela cuja abordagem entende a leitura como diálogo. Desse modo, a fundamentação teórica da concepção fica a cargo, de Bakhtin¹², pois ele “concebe o enunciado como um elo da corrente da comunicação verbal que se relaciona tanto com os enunciados anteriores quanto posteriores em um movimento dinâmico de interação social, ou seja, quando toma o diálogo como base de toda comunicação verbal” (COSSON, 2018, p. 34-35).

Portanto, a conceituação de diálogo extrapola o mero entendimento de dois sujeitos físicos conversando. Ela assume a posição de comunicação verbal, na qual a fala impressa – o livro – encaixa-se e, por ter o propósito de refletir aspectos próprios da interação social, a finalidade do diálogo aqui defendido vai muito além do intuito de negociar e mediar conflitos. Temos, como forma de refletir aspectos próprios da interação social, o objetivo de construir ambientes propícios para embates de ideias

¹² Bakhtin e seu Círculo de estudos.

divergentes, cujas práticas de acolhimento e de repensar a partir desses posicionamentos conflitantes contribua para uma compreensão maior, isto é, a atividade de compreender a realidade social.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2006, p. 117).

O Círculo de Bakhtin propunha o debate de ideias referentes, dentre outros temas, à linguagem. O ponto em comum – a interação verbal – ganhou destaque por ser, mesmo em níveis diferentes, a ocorrência de enunciação semelhante aos falantes em geral e aqueles que produzem literatura.

[...] estes diferentes níveis corresponderão às seguintes relações dialógicas: entre o autor e o leitor ou, no plano intratextual e tratando-se de uma narrativa, entre o narrador, o narratário e as personagens (e respectivos pontos de vista), entre a série literária e a série linguística, entre a obra concreta e o sistema literário precedente e contemporâneo, entre a obra e contexto social saturado de discursos e linguagens concretas de várias espécies – o que Bakhtin designa de plurilinguismo (COSTA, 2010).

Um conceito bastante relevante para o Círculo é o dialogismo, cuja realização requer uma atividade dinâmica de interação linguística entre o Eu e o Outro em ambientes socialmente organizados. A dialogia ocorre nessa situação, porque é fruto dos momentos de lutas contraditórias decorrentes das atividades humanas de linguagem. Aliás, é por meio dos posicionamentos dialógicos, embasados na alteridade¹³ e nos sistemas de valores, que as concepções de mundo dos sujeitos tornam-se explícitas.

O dialogismo, para Bakhtin, é o alicerce de toda a linguagem, a qual internaliza em si as repercussões sociais advindas da interação verbal por meio dos enunciados ou das enunciações. Logo – muito além da ideia simplista e desqualificada que alguns buscam ofertar à língua(gem), definindo-a como um meio de exteriorizar pensamentos e de passar informações – ela, devido a sua natureza de interação histórica e social, ocupa o lugar de grande valor. Geraldi (2012) ressalta:

Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala (GERALDI, 2012, p. 41).

Em sua obra *Pedagogia do oprimido* (2010), Paulo Freire refere-se ao diálogo enquanto fenômeno humano formado, em sua essência, pela palavra, a qual apresenta as

¹³ A questão da alteridade será abordada ainda nesta seção.

relações de ação e reflexão intrinsecamente articuladas, não podendo que uma seja concebida sem a outra. Logo, nesse contexto dialético de ação e reflexão da palavra, sua existência abarca em si o poder de compreender o mundo e de transformá-lo, configurando o diálogo como unidade humanizadora e transformadora da realidade, assim como fator de libertação e de socialização dos sujeitos.

o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (FREIRE, 2010, p. 91).

A palavra, compreendida em sua dimensão dialógica, assume caráter individual-contextual e adquire expressividade quando inserida em um processo de comunicação verbal, cujos pressupostos estão subsidiados em aspectos que evidenciam uma realidade concreta e amparados por condições reais de interação humana.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. (BAKHTIN, 2006, p. 58)

Desse modo, a palavra se institui não como uma unidade isolada da língua, mas sim como um signo¹⁴ ideológico. O aspecto ideológico está sustentado na compreensão de que todas e quaisquer alterações decorrentes das relações sociais ficam registradas também nas palavras, ou seja, elas abarcam significados/ideologias de situações comunicativas de uma determinada comunidade ou de um determinado período histórico. Logo, a palavra traz em si a potencialidade de identificar, em uma sociedade, as mudanças que ocorreram.

De acordo com Giovani (2006), em sua dissertação intitulada *O Texto na Apropriação da Escrita*:

[...] se é a palavra o modo mais puro e sensível da relação social, é nela que se revelam as formas básicas e ideológicas da comunicação humana. Assim, sendo um produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social, acumula entonações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo, como já foi dito, as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressiona, fato de muita relevância, a uma mudança de estruturas sociais estabelecidas (GIOVANI, 2006, p. 24).

¹⁴ Um dos principais temas abordados nos trabalhos de Mikhail Bakhtin, principalmente na obra publicada sob a autoria de Volóchinov, um dos integrantes de seu círculo de estudos “[...] Todo e qualquer objeto material do mundo que recebe uma ou mais funções no conjunto da vida social, advindos de um grupo socialmente organizado, e que passa a significar além de suas próprias particularidades materiais é um signo” (GIOVANI, 2006).

No que tange ao caráter de neutralidade, este não se refere à concepção de desprovemento de força ideológica. Pelo contrário, ser um signo neutro diz respeito à receptividade que a palavra possui em assumir significados e sentidos nas mais distintas situações de comunicação real. É a possibilidade de receber significação a cada oportunidade de uso, adaptando-se ideologicamente ao contexto dos sujeitos que a utilizam em suas interações.

Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanente inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 2006, p. 27).

Tomando como fundamental a comunicação, ou melhor, a interação real, chegamos à unidade de troca verbal e de natureza social: o enunciado. Este é um acontecimento único e singular, o qual, desenvolvido em situações discursivas concretas e em diferentes campos da atividade humana, mesmo sendo sempre o mesmo, proporcionará um enunciado inédito. Tal fato ocorre devido ao fator dialógico¹⁵ do enunciado, pois ele está ligado ao já-dito, isto é, aos enunciados anteriores e suscita no sujeito o porvir-dito, ou seja, a resposta que desencadeará um enunciado posterior e novo.

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (BAKHTIN, 1997, p. 316).

Os enunciados – orais ou escritos – caracterizam a utilização da língua nas mais variadas esferas da atividade humana, contribuindo para a interação entre os sujeitos. O elemento extralinguístico é outro fator bastante relevante para os enunciados, pois ele é

¹⁵ O diálogo [...] deve ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos), no qual atuam forças centrípetas (aquelas que buscam impor certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras por meio de vários processos dialógicos [...]) (FARACO, 2009, p. 69)

constitutivo na construção de sentidos. “O todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extra-linguísticos (dialógicos), e este todo está vinculado aos outros enunciados. O enunciado é inteiramente perpassado por esses elementos extra-linguísticos (dialógicos)” (BAKHTIN, 1997, p. 335-336).

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1997, p. 279, grifos do autor).

Os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, porque sofrem mudanças para atender as necessidades de interação dos sujeitos que os usam, bem como situações sociais e históricas podem acarretar transformações. Tais alterações, aliás, podem levar um gênero a transformar-se em outro, expondo a plasticidade como uma de suas características. Afinal, o gênero do discurso surge a partir de um enunciado em determinado campo de comunicação real e, como se tem conhecimento, as atividades humanas são rápidas, ágeis e modificam-se facilmente. Logo, torna-se mais inteligível a estabilidade relativa dos gêneros discursivos.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Conceber os enunciados enquanto consequência das atividades humanas é compreender que suas construções influenciam na constituição dos sujeitos como seres sociais. Na voz de Bakhtin,

Minha própria imagem de mim. Quais são as características da representação que se tem de si mesmo, do todo do seu eu? Em que consiste a diferença fundamental entre essa representação e a representação do outro? A imagem do eu, ou a ideia, a percepção, a sensação que se tem da existência desta imagem. Quais são seus componentes [...]. O que entendo por eu, em minha fala, em minha vivência [...] O *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro*, o *o-outro-para-mim*. O que em mim me é dado de modo imediato, e o que me é dado através do outro (BAKHTIN, 1997, p. 387, grifos do autor).

A teoria do discurso bakhtiniana enfatiza a relevância entre as interações do *eu* com o *outro* para a elaboração de sentidos. Assim, de acordo com Bakhtin, “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Nessa perspectiva, a existência de cada sujeito somente pode ser justificada pela existência do outro, ou seja, cada indivíduo se constitui na medida em que toma consciência do que o outro vê nele. As ações de concordar, discordar, replicar, completar e negar decorrentes da interação verbal – do diálogo – realizado entre os interlocutores é que fomentam o exercício de significação. Afinal, como já mencionado, no dialogismo entende-se que um mesmo enunciado possui duas ou mais vozes em seu interior e que o discurso humano vem sempre carregado de sentido de valor.

Além do dialogismo, outras duas categorias bakhtinianas merecem ênfase para a pesquisa que aqui se desenvolve. São elas: alteridade e excedente de visão. A primeira é identificada como a abertura de espaço ao outro, isto é, o sujeito está aberto para receber o que o outro contempla a seu respeito, tendo ciência de que a construção e a justificativa da vida de cada um constituem-se a partir do outro, daquele situado fora dela.

A alteridade pressupõe que o *Ser* se reflete no outro e refrata-se, constituindo-se e alterando-se constantemente. A própria filosofia bakhtiniana relaciona alteridade com pluralidade, polissemia de vozes, heteroglossia, ideologia. Em sua obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (1997, p. 316) afirma: “Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições”. Logo, o processo de construção da identidade do indivíduo reflete e refrata as relações dialógicas e valorativas produzidas pela contraposição de pensamentos, de opiniões, de consciência do *eu no outro* e do *outro em mim*.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos [...]. Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1997, p. 314-318).

Em relação à categoria referente ao excedente de visão, outro conceito bakhtiniano, a empatia é aspecto característico. O sujeito deve ser capaz de colocar-se no lugar do outro, de analisar o mundo através da ótica do outro e, então, trazer essas visões para fazer suas próprias conclusões. É uma ação cuja capacidade motiva tanto um ato ético de ajuda e de percepção cognitiva do outro quanto um retorno a si próprio com o intuito de assimilar as compreensões éticas, cognitivas e estéticas percebidas.

O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se

descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento (BAKHTIN, 1997, p. 45).

O movimento de interação social ativa e responsiva, o qual tem seu desencadeamento provocado pelo excedente de visão, é essencial na constituição do *eu* através do olhar do *outro*. Aliás, ele é especificado por Bakhtin como exotopia e, na atividade de pesquisa, ganha considerável espaço, pois leva o pesquisador a colocar-se no lugar do outro, fornecendo condições de apreensão de sentidos através da visão do seu objeto de estudo. Desse modo, o pesquisador também realiza trocas recíprocas e acresce a essa visão do outro a sua própria experiência. Para as pesquisas, o ato de articular e aproximar os olhares de pesquisador e pesquisado é fundamental para as atividades de produção de conhecimento.

Cabe acrescentar, ainda, a compreensão de que, dialogicamente, é por meio da alteridade e do excedente de visão que os sujeitos da pesquisa aqui proposta foram conduzidos ao exercício de, a partir da obra *Um Caminho Alemão*, poder ressignificá-la e de ressignificar o olhar a respeito da cidade onde vivem, onde estudam.

É possível identificar, por meio das interações dialógicas defendidas e propostas pelos estudos bakhtinianos, o entendimento que Bakhtin e seu Círculo têm quanto à humanização dos sujeitos, pois é o dialogismo que expõe o aspecto dinâmico da linguagem e o seu caráter vivo presente nos discursos, “[...] nas relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 2005, p. 95). Para que as relações sociais possam ser efetivadas, é necessária a mediação por parte de um fator específico da atividade humana que é a linguagem. Ela é fonte constitutiva e mediadora entre o outro e eu, apresentando-se como alicerce constituidor da formação humana.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2003, p. 348).

Em suma, em nosso processo vivido, partimos da humanização de Candido e chegamos à humanização de Bakhtin: esta está sustentada e acontece através da linguagem, a qual permite a construção do sujeito através de suas interações com o outro, com o exterior, com diversas e múltiplas vozes, com diferentes posicionamentos,

com distintas paixões. A interação do indivíduo proporciona-lhe a participação social, a tomada de consciência do outro e de si, ou seja, humaniza-o amorosamente.

3.3 Praia literária: a escola como um local privilegiado

É comum ser delegada à escola a função de formar leitores, uma vez que é o espaço socialmente organizado para a formação intelectual e cognitiva dos sujeitos ali inseridos. E, realmente, ela tem papel fundamental na constituição de um indivíduo apreciador de livros e que os leia. Nos anos finais do ensino fundamental, conforme a divisão dos objetos de estudos destinados aos componentes curriculares, a literatura fica sob a responsabilidade da disciplina de língua portuguesa. Logo, é essencial que as maneiras de condução do processo de ensino e aprendizagem preconizem o uso do texto literário não como artifício para trabalhar, cujos exemplos podem ser: produções de gêneros discursivos; reflexões linguísticas (análises morfológicas, sintáticas); questões ortográficas; reducionismo da leitura pela leitura, isto é, apenas o ato de ler já tem valor em si mesmo; localização de informações.

Cabe pontuar que, infelizmente, a própria BNCC¹⁶ (Base Nacional Comum Curricular), documento cuja finalidade é regulamentar as aprendizagens essenciais para todas as etapas da educação básica pública e privada do território brasileiro, menospreza a literatura em sua potencialidade enquanto objeto de conhecimento, repertório cultural e identitário, fonte histórica, instrumento de leitura de mundo e fator fomentador de humanização do sujeito. Rodrigues (2017) corrobora, de forma firme e direta, esse entendimento quando afirma:

Relegada que está, como “Educação Literária”, a um aspecto das Linguagens, perdida entremeio o adestramento de gêneros textuais, sufocada pela normatização da gramática ou pelo abandono em fruição subjetiva, quando não no “castigo” de afastar o aluno da aula em que incomoda, inquieto e desinteressado, para passar horas na biblioteca mal iluminada e criadora de ácaros, a literatura é tratada como apêndice, quando deveria, conforme anotamos acima, ser o centro irradiador que congrega disciplinas, habilidades e competências (RODRIGUES, 2017, p. 22).

O fato de documentos oficiais como a BNCC não destinar um espaço privilegiado para o trabalho com o texto literário é demasiadamente preocupante. Isso

¹⁶ Documento homologado pelo MEC (Ministério da Educação) no ano de 2017, que apresenta as competências e as habilidades almejadas ao estudante no decorrer de sua formação acadêmica. Ele traz os conteúdos mínimos a serem trabalhados na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio).

porque desvalorizar, apagar, diminuir ou não reconhecer o poder da literatura no ato de formar leitores e, conseqüentemente, na formação cidadã dos estudantes é deixar clara a finalidade da política pública nacional de conceber a educação numa perspectiva voltada a atender as necessidades do mercado, anulando o seu papel principal que é de humanização dos sujeitos.

É importante trazer à tona concepções como a de Cosson (2018), o qual refuta o modo de trabalho de alguns professores de língua portuguesa do ensino fundamental quando as abordagens pedagógicas frente à literatura:

predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclases, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras. Isso quando a atividade, que recebe de forma paradoxal o título de especial, não consiste simplesmente na leitura do livro, sem nenhuma forma de resposta do aluno ao texto lido, além da troca com o colega, depois de determinado período para a fruição. As fichas de leitura, condenadas por cercear a criatividade ou podar o prazer da leitura, são no geral voltadas para a identificação ou classificação de dados, servindo de simples confirmação da leitura feita (COSSON, 2018, p. 22).

Faz-se necessário destacar, também, que a concepção de deixar os estudantes escolherem livros e os avaliarem sempre tendo como parâmetro o gosto pessoal perde seu valor formativo. Isso porque leitura pode ser individual, porém é somente no coletivo, nas trocas, nos enfrentamentos de ideias que a função interpretativa da literatura acontece. Logo, um apontamento muito válido aos professores é estimular o compartilhamento de leituras. Teresa Colomer, em sua obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola* (2007), a respeito dessa temática ressalta que:

compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la (COLOMER, 2007, p. 147).

Seguindo contribuições elencadas por Colomer (2007), três são os pilares dos valores formativos associados às finalidades da educação literária. O primeiro destina-se a formação da pessoa, cuja preocupação é formar o indivíduo a partir do desenvolvimento de sua socialização, utilizando, para tanto, obras que demonstram a maneira como grupos de pessoas de épocas passadas e atuais evidenciaram a avaliação das atividades do homem por meio da linguagem. O segundo busca o enfrentamento entre diferentes textos literários para possibilitar ao estudante a oportunidade de confrontar a diversidade social e cultural. Já o terceiro diz respeito à inter-relação literatura e formação linguística, porque, quando analisada mais a fundo, a literatura

contribui para averiguar e compreender os diversos empregos estruturais dos recursos da linguagem no exercício das atividades comunicativas existentes nos discursos.

A ação de ler literatura, portanto, precisa ir além da pura e simples atividade de leitura. Ela deve ser planejada e realizada pelo professor com o intuito de contribuir para o crescimento do estudante enquanto ser humano, contemplando assim o seu letramento literário.

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. [...] A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque nos possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2018b, p. 29-30).

Diante do exposto, ao proporcionar o desenvolvimento do letramento literário, é possível desencadear uma maior humanização do indivíduo, cujo entendimento influencia na análise crítica da sociedade e, conseqüentemente, na sua formação cidadã.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (COSSON, 2018b, p. 120).

Entender a escola como espaço de formação de leitores é primordial para o professor, porque a ele “cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2018b, p. 29).

Rildo Cosson, em seu livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2018), apresenta práticas de leitura para o texto literário. A intenção é auxiliar o professor no trabalho com a literatura junto a seus alunos, objetivando sempre um diálogo entre o leitor e o texto numa perspectiva de não haver desvinculação entre as metas estipuladas pelo docente e o anseio do estudante. O autor traz ações que priorizam o ato de ler por meio de aspectos como: o silêncio, a voz, a memória, a interação. Com o propósito de apresentar algumas dessas práticas, as quais também constaram das atividades desenvolvidas no projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, optamos por detalhar aspectos relacionados à *memória* e à *interação*.

A memorização na formação literária do leitor, não deve ser vista como um mero exercício de decorar, mas sim como uma produção de repertórios que manifestam as experiências resultantes da leitura, sejam elas com a finalidade de manifestar o conhecimento já possuído pelo indivíduo ou aquele adquirido depois do contato com a obra. Os trechos que o sujeito individualmente assimila e reproduz durante suas conversas e interações sociais ao longo da vida constituem “um conjunto maior de referências que é a memória de uma comunidade de leitor” (COSSON, 2018, p. 108).

A atividade de dramatização é uma boa prática da memória na tarefa de formar leitores, pois ela – no momento da elaboração das falas das personagens, na verificação individual e, principalmente, nas discussões quando dos trabalhos em grupo – propicia espaços ricos de interações entre os estudantes, contribuindo para a análise e construção de sentidos coletivos. Além disso, Cosson (2018) acrescenta que o dramatizar:

enquanto prática de leitura requer a integração de várias linguagens artísticas e vem daí sua importância para a formação do leitor. Junto com a recitação vêm os gestos, a música, o jogo das luzes, as cores e as formas do figurino e do cenário, demandando que a palavra escrita no papel seja traduzida para uma experiência tridimensional. É essa tradução que consiste na interpretação o texto, na leitura literária. Por isso, mais do que o resultado da dramatização em um espetáculo, deve interessar ao professor de literatura a maneira como os alunos constroem a dramatização do texto, como eles experienciam o texto para transformá-lo em ação dramática (COSSON, 2018, p. 110-111).

No que tange à prática de interação, é fundamental que o professor propicie, além do diálogo entre leitor e texto, momentos de conversa coletiva, de troca de ideias divergentes e convergentes, de embates e de socialização de outras leituras, oportunizando todas as condições possíveis para ampliação de sentidos por parte do aluno e para que ele compreenda o valor social, cultural, e histórico existente no texto literário.

É essa prática de ler e discutir os textos que constitui qualquer aula de literatura, ou seja, uma aula de literatura é, antes de mais nada, um momento em que se promove uma interação com os textos literários. Uma interação que leva o aluno a conhecer e até a fazer do texto literário uma referência em sua vida [...] (COSSON, 2018, p. 115).

Logo, não se concebe a ideia de alunos simplesmente respondendo perguntas feitas pelo docente, assim como não é aceitável a simples reprodução fiel de trechos da obra para ofertar respostas a posicionamentos proferidos. Cabe ao docente planejar como o momento da discussão será conduzido, objetivando tal oportunidade como extremamente relevante para o letramento literário.

3.4 No balanço das ondas: cultura e interculturalidade

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza desigualdades.

(Santos)

Ao ser escalado ou ao se prontificar para participar de uma investida em alto mar, cada membro da tripulação embarca com suas próprias convicções, suas crenças, seus costumes e seus julgamentos sobre o que considera certo ou errado. A partir do momento de levantar âncora, o contato e a vivência entre todos que estão na navegação podem gerar estranhamentos, julgamentos e até conflitos. O embate é ainda maior quando da chegada dos integrantes dessa embarcação a novas terras, pois mais características divergentes podem ser evidenciadas diante dos indivíduos residentes naquele espaço geográfico.

O fato é que culturas diferentes são postas frente a frente, desencadeando o natural confronto entre as concepções culturais individuais ou grupais instituídas histórica e socialmente. Na realidade, é o processo de estereotipagem, ou seja, o indivíduo petrifica-se num padrão de ideia, de imagem e de opinião que não o permite abrir-se para o novo, para os costumes e comportamentos não idênticos aos seus.

Todavia, conforme o convívio humano progride e há abertura de todos para, não por tolerância ou por imposição, desenvolverem atitudes cooperativas e respeitadas – cujo objetivo é reconhecer as distintas culturas e, principalmente, largar mão de estereótipos – a interculturalidade se concretiza, pois o sujeito observa os fatores culturais do outro sem tomar os seus como únicos e verdadeiros.

A pesquisa em educação realizada no presente estudo enfatiza a relevância do trabalho intercultural, uma vez que o reconhecimento de aspectos não homogêneos contribui para o caráter valorativo cultural e de pertencimento dos sujeitos ao município de São Pedro de Alcântara. É imprescindível que os indivíduos estejam conscientes da riqueza existente no ato de respeitar e reconhecer as diferenças culturais.

Uma visão tradicional de cultura implica a busca do apagamento das diferenças socioculturais, de modo a propiciar uma homogeneização do grupo. A homogeneidade interna possibilita a delimitação externa, uma vez que o que é estranho é externo ao grupo. Um dos movimentos de unificação interna e delimitação externa é o de negação dos valores e crenças do outro,

do estranho, reforçando uma perspectiva etnocêntrica (comum à visão tradicional de cultura) (JANZEN, 1998, p. 54).

Torna-se válido destacar que uma educação intercultural suscita discussões acerca de identidade/diferença, as quais perpassam, por exemplo, questões de afirmação de superioridade de determinado grupo cultural em detrimento a outro. Nessa perspectiva, cabe uma reflexão sobre como as noções de identidade e de diferença são concebidas como interdependentes na vertente intercultural.

A diferença, assim como a identidade, é um problema. Diferença e identidade só existem numa relação de mútua dependência. O que é (a identidade) depende do que não é (diferença) e vice-versa. É por isso que a teoria social contemporânea sobre identidade cultural e social recusa-se a simplesmente descrever ou celebrar a diversidade cultural. A diversidade tampouco é um fato ou uma coisa. Ela é o resultado de um processo relacional – histórico e discursivo – de construção da diferença (SILVA, 2007, p. 101).

Nada melhor para assimilar o conceito de interculturalidade do que compreendê-lo a luz da alteridade e do excedente de visão bakhtinianos. Em *Os estudos literários hoje*, Bakhtin destaca pontos como: a importância da exotopia para assumir o outro e a nós mesmos enquanto sujeitos incompletos, inacabados e responsivos; a expansão do papel do diálogo no contexto intercultural. Bakhtin, aliás, critica um pensamento que já embasou diversos estudos etnográficos, o qual concebia

[...] para melhor compreender uma cultura alheia, cumpriria transplantar-se nela e, esquecendo a sua própria cultura, ver o mundo pelos olhos da cultura alheia. É uma ideia que, como disse, é limitada. Que devamos nos implantar numa cultura alheia, contemplar o mundo por seus olhos, concordo! É uma fase indispensável no processo de compreensão de uma cultura. Mas se a compreensão se reduzisse apenas a esta fase, nada mais ofereceria senão uma duplicação de dada cultura, e não comportaria nada novo ou enriquecedor (BAKHTIN, 1997, p. 367).

Desse modo, não é abandonando nossa cultura, nosso *eu* que vamos estar aptos a enxergar e a valorizar os aspectos culturais do *outro*, bem como o *outro* também não deve privar-se de suas convicções. Nessa direção, Bakhtin (1997, p. 368) afirma: “O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente”.

Em suma, é na relação exotópica de não nos despirmos de nós mesmos – pois somos seres ativos e pertencentes a um específico tempo e espaço – que contribuiremos, subsidiados pelo dialogismo, com descobertas a *nós* a ao *outro*. Afinal, as revelações jamais seriam atingidas sem o diálogo real e, conseqüentemente, sem encontros construtivos de posicionamentos, julgamentos, crenças e ideais.

A cultura alheia só se revela em sua completude e em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido (BAKHTIN, 1997, p. 368).

Bakhtin, em sua obra *Para uma filosofia do ato* (1993), aborda como fator essencial na atividade do “ir-até-o-outro” e “retornar-a-si” a empatia. Nesse ato, o sujeito projeta-se e coloca-se no lugar do *outro*, permitindo-se pensar e agir como o *outro*, mas nunca comprometendo ou apagando o seu *eu*. Assim, os movimentos de “identificar-se” e “objetivar” são simultâneos e, portanto, não comprometem a individualidade de cada sujeito.

Eu me identifico ativamente com uma individualidade e, conseqüentemente, eu não me perco completamente, nem perco meu lugar único do lado de fora dela, sequer por um momento. Não é o objeto que toma posse de mim como alguém passivo. Sou eu que me identifico com o objeto: criar empatia é um ato meu e apenas isso constitui sua produtividade e novidade. A empatia realiza alguma coisa que não existia nem no objeto de empatia, nem em mim mesmo antes do ato de identificação, e através dessa alguma coisa realizada, o Ser-evento é enriquecido [...] (BAKHTIN, 2017, p. 33).

Uma arma bastante relevante para propiciar a interculturalidade é a ciência literária, pois a literatura se configura como instrumento de interação entre os mais distintos âmbitos da cultura. Em *Estética da Criação Verbal* (1997) na seção denominada *Os estudos literários hoje* (1997), Bakhtin expõe que:

A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômicos, como é prática corrente. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a literatura (BAKHTIN, 1997, p. 362).

Aproveitando o entendimento da relevância do sujeito conhecer a história, a cultura, a arte, a política, enfim, os aspectos sociais que formaram e formam a sua realidade atual, Bakhtin (1997) reforça com a compreensão criadora que em nenhum momento o indivíduo deve renunciar a si em detrimento a posicionamentos, a crenças e a atitudes do outro. Na verdade, a compreensão criadora evidencia a importância do tempo e do espaço para o enriquecimento de sentidos e para a constituição de elos dialógicos que fomentem a interação do *eu* e do *outro*, levando ao reconhecimento e à valorização de contextos históricos distintos, humanizando, por exemplo, uma região para contribuir na humanização do homem.

A compreensão criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a compreensão é a distância do indivíduo que compreende – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende compreender de forma criativa. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudarão; sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras* (BAKHTIN, 1997, p. 366, grifo do autor).

Diante do exposto, torna-se importante enfatizar que a atitude de recorrer a uma obra literária para alicerçar o trabalho pedagógico junto à turma da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho foi bastante pertinente, porque a interculturalidade é um dos elementos fundamentais para os estudos necessários à pesquisa. Logo, é prudente expor uma definição bastante consistente para interculturalidade, a qual

[...] concebe o encontro (inter)cultural como a interação, o diálogo, entre sujeitos que falam de lugares sociais, históricos e culturais distintos e que realizam o movimento de empatia, que consiste em colocar-se no lugar do outro e voltar para o próprio lugar, que é inevitavelmente modificado quando do retorno (TORQUATO, 2008, p. 77).

É notório, portanto, evidenciar o espaço que situações de interação social, de trocas dialógicas, de propostas sustentadas na alteridade, no excedente de visão e na empatia agregam consistentemente no processo intercultural dos tripulantes de uma embarcação, dos estudantes em formação e na constituição de todos os sujeitos.

4 DA BÚSSOLA, DO PERCURSO E DOS SUJEITOS

Para a realização do presente estudo, é fundamental mencionar o percurso metodológico adotado para a pesquisa, o qual valoriza o caráter heterogêneo da ciência e a subjetividade com que cada indivíduo experiencia o vivido. Torna-se válido ainda evidenciar, antes do capítulo analítico, quais sujeitos participaram/experienciaram as ações que resultaram em material/memória a ser analisado/a, além de apresentar com riqueza de informações as etapas e as atividades desenvolvidas. Tais aspectos contribuirão consideravelmente para o todo com que a dissertação se propõe.

4.1 Do delineamento metodológico

A metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados.

(Thiollent)

Quando uma tripulação recebe, por exemplo, a incumbência de investir na conquista de novas terras ou mesmo de transportar mercadorias de uma localidade a outra, é primordial elencar todos os procedimentos que serão utilizados para atingir tal objetivo. É necessário, então, definir os caminhos e as técnicas que os tripulantes seguirão durante todo o percurso marítimo, além de levantar dados a respeito do motivo desencadeador da viagem e analisá-los para, com êxito, concretizar a missão.

Do mesmo modo, para uma produção científica, uma escolha metodológica há de ser feita com o propósito de subsidiar a condução dos trabalhos. Aqui cabem contribuições vindas de Geraldí (2014) que, em seu texto *Da língua para a linguagem: outros rumos de pesquisa*¹⁷, estabelece uma separação operacional entre método e metodologia. O primeiro é conceituado como um agrupamento de regras, as quais realizadas rigorosamente acarretam “descobertas surpreendentes”. A partir do momento

¹⁷ Texto apresentado em uma aula magna, na data de 17.03.2014, nos Programas de Pós-Graduação em Letras da Univ. Federal de Pernambuco. Essa obra retoma dois textos anteriores: “Promesas y mitos de la ciencia moderna”, in.Untoiglich, Gisela. *En la infancia los diagnósticos se escriben con lapiz*. Buenos Aires: Colección Conjunciones, 2013; e “Heterocientificidade nos estudos linguísticos”, publicado in. Grupo de Estudos de Gêneros Discursivos. *Palavras e Contrapalavras: Enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

em que novas revelações são almejadas, métodos diferentes devem ser seguidos. Tal maneira individual caracteriza a metodologia.

Dispor de uma metodologia é dispor de princípios, que precisam ser aliados à intrepidez, à astúcia, à argúcia e à perspicácia. Dispor de um método é ter corrimãos definindo a caminhada para se descobrir o que previamente se conhecia, sem expor-se ao desconhecido (GERALDI, 2014, p. 13).

Aliás, certas concepções voltadas aos tradicionais mitos do conhecimento científico devem ser evitadas. Geraldi (2014) elenca, entre outras observações, a importância de compreender a incompletude dos saberes humanos perante os mais distintos conhecimentos e o entendimento de que a previsão de regularidades não garante a prescrição futura, ou seja, considerar o objeto estudado como algo inerte ignora aspectos referentes à temporalidade. O autor evidencia, também, que homogeneização, neutralidade, objetificação e isenção são características não condizentes com as pesquisas alicerçadas na nova ciência.

Aceitar que nossos conhecimentos não dão conta de tudo, que há mistérios insondáveis com as capacidades de que dispomos enquanto homens (e não deuses da razão) é aceitar o acaso e o acontecimento. [...] A ciência moderna consagrou o homem como ser epistêmico, mas o expulsou do processo de produção de conhecimentos. Uma ciência de manipulação do mundo não precisa do sujeito empírico em sua gestação; no entanto, com a crise da ciência moderna, a nova ciência que emerge demanda precisamente a presença do sujeito no processo de sua produção porque reconhece que os conhecimentos são também produtos da analogia, da argúcia, da astúcia em estabelecer novas relações e enxergar novas possibilidades. As disciplinas e os métodos são incapazes de explorar novos caminhos. Somente o homem é capaz (GERALDI, 2014, p. 7-9).

Assim, a presente pesquisa elege a metodologia narrativa como instrumento de investigação, preconizando a heterogeneidade científica, a grandeza dos objetos estudados e, principalmente, a construção de sentidos tanto ao que tange o conhecimento produzido quanto aos sujeitos envolvidos.

4.2 Da investigação narrativa

O sentido do que somos depende das histórias que contamos a nós mesmo [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal [...] Talvez nós homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos.

(Larrosa)

Narrar é um atributo próprio e social do ser humano. É a ação de contar e recontar as mais distintas situações vivenciadas, dando ênfase a determinados episódios em detrimento a outros, compartilhando capítulos de vida. Imaginemos, então, o retorno de uma embarcação quando do término de um trabalho em alto mar. Com certeza, as narrações que os tripulantes estarão aptos a fazer para seus amigos e familiares serão inúmeras e, evidentemente, cada indivíduo contemplará em suas falas os fatos mais marcantes, aqueles que não simplesmente passaram por eles, mas sim que neles tocaram, transformando-os de certa maneira e produzindo-lhes novos aprendizados.

Estudos pautados na narrativa enquanto proposta metodológica são centrados no narrar. Todavia, de acordo com Oliveira (2017), em *Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações*, é necessário distinguir as narrativas “entre o fenômeno que é a história e a investigação que é a narrativa. Assim, os pesquisadores narrativos podem descrever, coletar e contar essas histórias”. Portanto, o simples ato de narrar fatos não se configura em investigação científica, pois toda pesquisa sustentada nessa perspectiva requer a adoção de encaminhamentos específicos.

Toda a investigação narrativa implica a recolha de diferentes vozes, a interpretação dessas vozes e a construção de uma história (o relatório da investigação) onde as narrativas dos investigados e as narrativas do investigador se fundem/entrecruzam para a compreensão de uma realidade social. O relatório de investigação narrativa constitui uma história que o investigador conta a si próprio e aos leitores, ou seja, um argumento construído através da articulação de um conjunto de dados que pretende interpretar retrospectivamente acontecimentos passados, atribuindo-lhes sentido no contexto específico em que decorreram. Para que esta história seja realista, deve incluir evidências e argumentos que apoiem a sua plausibilidade (REIS, 2008, p. 6-7).

Prado e Serodio (2017), em *Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa*, mencionam ainda que “a pesquisa narrativa se classifica entre as pesquisas qualitativas e se situa com as pesquisas sociológicas e as pesquisas (auto)biográficas, assim como tem características fortes da pesquisa-ação e estudo de caso [...]” (PRADO, SERODIO, 2017, p. 06).

Indubitavelmente, a pesquisa narrativa busca compreender a experiência humana em seu caráter relacional – constituído pela interação entre sujeito individual e meio social, pela continuidade temporal e pelo lugar.

[...] em nossa concepção sobre pesquisa narrativa, nossos termos são pessoal e social (interação); passado, presente e futuro (continuidade); combinados à noção de lugar (situação). Este conjunto de termos cria um espaço tridimensional para a investigação narrativa, com a temporalidade ao longo da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira. Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por este espaço tridimensional: os

estudos têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares (CLANDINI; CONNELLY, 2011, p. 85).

Torna-se prudente enfatizar que a investigação narrativa da experiência é uma via de mão dupla, porque o responsável pela pesquisa “experiencia a experiência e é também parte integrante da experiência” (CLANDINI; CONNELLY, 2011, p. 81). Aliás, é característico da narração da experiência a não repetição, pois

a narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a da lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2007, p. 24-25).

Ao que tange à experiência, ou melhor, ao saber de experiência – cuja definição já fora abordada na seção introdutória do estudo aqui em questão – sua essência está embasada na subjetividade, no relativismo, na particularidade e na individualidade. Desse modo, mesmo que o fato seja igual para todos, o saber de cada um será único – porque a experiência não se separa do sujeito – e, portanto, na homogeneização e na generalização na formulação do conhecimento científico fica impossibilitado.

Larrosa (2011), em seu artigo *Experiência e alteridade em educação*, traz uma análise detalhada da concepção nuclear da experiência, a qual é “isso que me passa”, ou seja, o saber de experiência é alcançado quando no confronto entre o sujeito e o fato externo – por meio da interação e da completude – o indivíduo é levado à reflexão e a sua própria transformação, assumindo e internalizando o conhecimento. Então, assim como em um relacionamento amoroso, a pessoa passa a ter um novo olhar perante a vida, isto é, sua sensibilidade propicia que indícios dos saberes penetrem e alterem as suas compreensões. Em suma, conforme Larrosa (2011), o “isso que me passa” percorre o percurso: 1.1 *exterioridade, alteridade, alienação*; 1.2 *reflexividade, subjetividade, transformação*; 1.3 *passagem, paixão*.

A experiência é “isso que me passa”. [...] A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. [...] “Que não sou eu” significa que é “outra coisa que eu”, outra coisa do que aquilo que eu penso, do que eu antecipo, do que eu posso, do que eu quero. [...] Em segundo lugar, que algo *me* passa. [...] É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar. [...] Vamos agora com esse passar. A experiência, em primeiro lugar, é um passo, uma passagem, um percurso. [...] experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa, um passo para outra coisa, [...] ao mesmo tempo, a experiência supõe também que algo passa desde o acontecimento para mim, que algo me vem ou me advém. [...]

Esse seria o primeiro sentido desse passar. [...] o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece. [...] este segundo sentido do passar [...] (LARROSA, 2011, p. 5-8, grifos do autor).

Dado que diversas pesquisas científicas em educação podem ser desenvolvidas a partir de uma obra literária, como ocorreu no projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, um apontamento é bastante importante para garantir que o livro ou o texto literário escolhido será eficaz para o processo do saber de experiência.

Se o livro que lemos não nos desperta como um punho que nos golpeia no crânio, para que o lemos? Para que nos faça felizes? Deus meu, também seríamos felizes se não tivéssemos livros, e poderíamos, se fosse necessário, escrever nós mesmos os livros que nos façam felizes. Mas o que devemos ter são esses livros que se precipitam como a má sorte e que nos perturbam profundamente, como a morte de alguém a quem amamos mais que a nós mesmos, como o suicídio. Um livro deve ser um pico de gelo que rompa o mar congelado que temos dentro (STEINER, 1994, p. 101).

Desse modo, para que o saber de experiência se efetive de alguma maneira em cada sujeito envolvido, é imprescindível trazer à tona a força do subjetivismo, da alteridade e da assimilação. É necessário estimular uma descoberta surpreendente que realmente toque, penetre e transforme o sujeito.

4.3 Da geração de dados

Como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques.

(Faraco)

Independentemente da empreitada assumida por membros de uma navegação, os primeiros questionamentos levantados são: para onde vamos, quais as previsões para as correntes marítimas durante o trajeto, como é a terra que atracaremos, quais características possuem os indivíduos residentes lá, de que maneira conseguiremos alcançar nossas metas junto a esses sujeitos. Enfim, assim como numa incumbência

marítima, na realização de uma pesquisa também é de extrema relevância ter conhecimento dos dados, das pessoas, ou seja, dos objetos a serem pesquisados.

Os dados que se transformaram em objeto de análise para o presente estudo são, em grande parte, provenientes das atividades resultantes do projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. O trabalho pedagógico fora desenvolvido por mim¹⁸, enquanto docente de língua portuguesa em 2019, junto a uma turma de oitavo ano (turma 81), da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho. Cabe enfatizar que a idealização e a realização de todas as ações do projeto seguiram um pressuposto, cuja premissa era buscar tornar a aprendizagem o mais significativa possível aos estudantes.

Falar em aprendizagem significativa é assumir o fato de que aprender possui caráter dinâmico, o que requer ações de ensino direcionadas para que os alunos aprofundem e ampliem os significados que elaboram mediante suas participações nas atividades de ensino e aprendizagem (SMOLE, 2007, p. 16).

Ponderando, inicialmente sobre a instituição educacional, ela é – como já apontado no capítulo 2 – a única da rede de São Pedro de Alcântara que atende estudantes de todo o ensino fundamental (anos iniciais e finais), nos turnos matutino e vespertino. Há, atualmente, um total de 419 alunos regularmente matriculados, os quais são oriundos, em sua maioria, do próprio município, assim como há alguns provenientes da cidade vizinha, São José.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) apresenta o seguinte objetivo geral:

A nossa Escola tem como compromisso oferecer um ensino de qualidade e uma aprendizagem mais significativa, por meio de práticas pedagógicas que proporcionem a construção do conhecimento, o exercício da cidadania e o desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva frente às questões políticas, sociais, ambientais e culturais, valorizando a comunidade escolar e o reconhecimento do trabalho docente (PROJETO..., 2019, p. 12).

Ao que tange às concepções teóricas alicerçantes do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, elas condizem com a Proposta Curricular de Santa Catarina (PC/SC). Assim sendo, as abordagens histórico-cultural e dialógica são as bases para o processo de ensino e aprendizagem. Logo, a teoria fundante do PPP conversa diretamente com alguns dos pressupostos teóricos do trabalho em questão, pois respalda a educação como mecanismo de transformação social e de formação humanizadora (crítica e participativa) dos sujeitos.

¹⁸ Não existia pretensão ou expectativa alguma em tornar o projeto autoral *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* objeto de pesquisa científica. Tratava-se de um projeto pedagógico, o qual, devido à percepção minha, havia a necessidade de ser aplicado paralelamente ao planejamento anual elaborado conforme as orientações da Proposta Curricular Municipal.

O público-alvo do projeto, cuja repercussão proporcionou à elevação ao patamar de pesquisa, era composto de 21 alunos. A turma, de modo geral, era bastante participativa e interessada em aprender, mas é claro que, caso houvesse tempo ocioso, começavam conversas paralelas e brincadeiras condizentes com a faixa etária. Quanto às questões sociais, as moradias dos estudantes são situadas, predominantemente, em regiões urbanas. As rendas das famílias variavam entre 03 e 05 salários mínimos mensais. Com relação à estrutura familiar, 92% da turma tinham os pais casados e com o núcleo familiar residindo na mesma casa.

São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho constituiu-se como um projeto bastante importante para o levantamento de dados a analisar. É pertinente reforçar que, conforme já exposto no capítulo 2, a referida proposta ocorreu com a finalidade de fomentar um processo de ensino e aprendizagem com vistas à humanização, à valorização da cultura municipal e ao estímulo de desenvolver o sentimento de pertencimento dos alunos para com a cidade em que moram/estudam.

O projeto pedagógico, cujo desenvolvimento aconteceu durante algumas épocas específicas do ano letivo, compreendia os usos sociais da leitura e da escrita, tendo por intuito trazer à tona a temática e os objetivos da proposição pedagógica em oportunidades significativas para os munícipes e para os visitantes de municípios adjacentes quanto à evidenciação da cultura, da história e do estímulo à valorização da cidade. Tais etapas sempre coincidiram com o calendário municipal de eventos e comemorações. Torna-se prudente mencionar que, por decisão minha de planejamento, todas as produções textuais solicitadas aos alunos no decorrer de 2019 tinham como foco propiciar a reflexão e o aprofundamento dos eixos norteadores do projeto.

Faz-se importante acrescentar que, quando do início do mês de março, fui comentar com a turma a respeito do projeto pedagógico e, em duas aulas, dialoguei com eles sobre o porquê de eu ter escolhido realizar, paralelamente aos conteúdos habituais da série/ano, essa proposta. Perguntei se eles gostavam de ir aos eventos de cultura alemã, se eles percebiam neles ou em suas atividades rotineiras (vestimentas, vocabulários, alimentação, vida social etc.) algo vinculado aos aspectos germânicos. Poucos demonstraram compreender que há em suas refeições – por exemplo – comidas típicas alemãs. Questionei, ao perceber o distanciamento e a ausência de vinculação dos educandos através de suas respostas, qual sentimento lhes brotava ao ouvirem a afirmação de que residem ou estudam na primeira colônia alemã catarinense. Os alunos,

de forma geral, permaneciam sem atribuir valoração positiva aos fatores da colonização e do nascimento da cidade.

Indaguei as opiniões dos educandos sobre o município e, novamente, as reações não foram das mais orgulhosas ao falar. A maioria relatou não ver grande futuro para São Pedro de Alcântara, salientando ser uma cidade dormitório ou feita para funcionários públicos, pois há pouquíssimas empresas. Logo, seja para trabalhar ou para estudar após o término da educação básica, as pessoas deslocam-se para outras cidades. Eles argumentaram perceber o não crescimento da população municipal, chegando a acreditar que São Pedro de Alcântara pudesse vir a ser extinto, voltando a ser bairro de São José.

Ao finalizar o diálogo, expus aos alunos as temáticas que subsidiavam o *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. Argumentei que eles iriam conhecendo as atividades conforme elas fossem sendo apresentadas e que não seria algo de todas as aulas, mas sim de etapas em datas oportunas dos calendários escolar e municipal. Os estudantes demonstraram interesse em conhecer e participar de todas as ações.

A primeira fase, no mês de março, contou com a produção de um soneto, pois acredito como Paz (1982, p. 30) que “há uma característica comum a todos os poemas, sem a qual nunca seriam poesia: a participação. Cada vez que o leitor revive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético”. Logo, e com a intenção de despertar o universo de significados que a participação de cada indivíduo proporciona na escrita poética, os estudantes foram desafiados a produzir um soneto, recorrendo a uma das seguintes temáticas estabelecidas previamente por mim: São Pedro de Alcântara – 190 anos de imigração alemã; São Pedro de Alcântara – 25 anos de emancipação política. A produção foi impulsionada por dois motivos: 1) o primeiro dia de março é, por lei municipal, o dia da consciência alemã e a data histórica da fundação da colônia de São Pedro de Alcântara; 2) dezesseis de abril é comemorada a emancipação político-administrativa da cidade, completando, em 2019, seus 25 anos.

Optei por aproveitar os enfoques dados – nas esferas política, cultural, turística, escolar e familiar – aos eventos para que a atividade de escrita ganhasse um significado real, isto é, que o ato de produção estivesse concretamente no cotidiano social dos educandos. Para a produção, orientei os alunos a, além das conversas de sala, dialogar com seus pais/responsáveis ou com alguém da comunidade sobre informações importantes referentes ao município. Afinal, as histórias orais dos adultos ou idosos

formam dados muito consideráveis no resgate de valores históricos e culturais da cidade.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. [...] E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 2002, p. 44).

A socialização dos sonetos ocorreu, a princípio, em dois momentos, sendo um dentro da sala de aula, através da leitura e da discussão sobre as informações expostas no texto de cada educando e outro por meio da confecção de um varal literário para divulgar ao restante dos estudantes da unidade de ensino. Essa atividade teve duração de seis aulas.

A segunda fase do projeto, já pelo início do segundo semestre letivo – mês de agosto – foi tomar uma obra literária para sustentar as reflexões necessárias às finalidades do *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. A escolha por trazer um texto literário, além de inúmeros fatores que permeiam a questão humanizadora da literatura, embasou-se no seguinte entendimento:

[...] A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p.60).

O livro eleito por mim foi *Um Caminho Alemão*, de Luiz Cláudio Stähelin. A opção considerou o fato de o escritor ser alcantareense e por integrar a Academia Alcantareense de Letras¹⁹ (ACALLE), fatores que ofertam maior credibilidade ao projeto, porque o escritor é bastante conhecido na cidade, seus textos buscam evidenciar a riqueza histórica, cultural e humana de São Pedro de Alcântara e, em especial, por ser uma pessoa natural do município a valorizar a sua terra.

O prefácio, escrito pelo jornalista Carlos Damião e intitulado *Uma Saga Civilizatória*, expressa bem a grandeza dos textos poéticos.

¹⁹ Associação de utilidade pública, conforme lei nº 860, de 28 de abril de 2014, fundada no dia 06 de outubro de 2009.

Trabalho, religiosidade, vida simples, pescarias, agricultura e pecuária, a relação respeitosa com ambiente, conflitos com indígenas, tudo está presente ao mundo afetivo do poeta, que nos brinda com essa dramática e poética leitura, trazendo à luz a vivência intensa de um rico período da história catarinense. O período de construção e consolidação do nosso território, conquistado com valentia e espírito coletivo de superação (STÄHELIN, 2017, p. 12).

As produções poéticas do exemplar apresentam-se divididas em três seções: *De Outros Mares; Do Germânico Lusitano e outros Caboclos; Dos bugres*. A primeira enfatiza a chegada dos alemães, o povoamento da colônia, a construção da primeira capela, a estrada entre Desterro e a região serrana. A segunda aborda temas como: folclore, clima, tipos de plantas, rotinas dos tropeiros, nascimento de bebês com auxílio das parteiras e a crença nas benzedeadas. A última parte traz as temáticas de pescaria e os indígenas. Cabe ressaltar que o livro de Luiz Cláudio Stähelin é constituído essencialmente por poemas, havendo, também, alguns sonetos.

A leitura de *Um Caminho Alemão*²⁰ ocorreu durante todo o mês de agosto e a primeira quinzena de setembro, com durabilidade de sete aulas. Semanalmente, uma aula era destinada para esse fim, pois nas demais eram abordados outros tópicos do planejamento anual²¹. De início – com o ato de ler a biografia do autor – apontamentos, às vezes instigados por mim e, em outras oportunidades, pelos próprios educandos, evidenciaram a família Stähelin, uma das mais tradicionais de São Pedro de Alcântara, o que facilitou as contribuições dos estudantes por a conhecerem e desencadeou diálogos sobre os sobrenomes das famílias dos alunos, levando-os a conclusão de que a grande maioria é de origem alemã. Alguns até sabiam contar a história da vinda dos primeiros familiares da Alemanha para o Brasil, porque os avós ou os pais já haviam comentado em casa, tanto por curiosidade familiar quanto pela escrita do soneto. Já na leitura do prefácio e da introdução, discussões históricas em relação à colonização da cidade – enfatizando características alemãs que até hoje estão presentes na realidade local – foram apresentadas. Outro ponto bastante observado foi o quão longe, devido ao ato de escrever, o alcantareense Luiz Cláudio conseguiu chegar. Desse modo, os estudantes perceberam que seus limites são seus sonhos, e não onde moram ou a condição socioeconômica.

²⁰ Para que cada estudante tivesse o seu próprio livro, conversei com o escritor Luiz Cláudio Stähelin pedindo a doação. De prontidão, o escritor disponibilizou os exemplares.

²¹ Na rede municipal de São Pedro de Alcântara, as turmas de sexto a nono ano possuem quatro aulas semanais de língua portuguesa. A confecção do planejamento anual segue a Proposta Curricular do município. O livro didático adotado é o distribuído pelo MEC (Ministério da Educação).

Para a leitura dos poemas, sempre pedia que lessem em casa e conversassem com os familiares, pois os textos, em sua maioria, representam lugares, pessoas ou aspectos relevantes para a história do município. Em sala, a ação de ler era em voz alta e de forma coletiva, ou seja, cada um lia na íntegra o texto ou um aluno lia uma parte para o outro dar continuidade. Assim que era finalizada a leitura, eu abria espaço para interações entre os estudantes. Nessa oportunidade, eles compartilhavam informações dadas por suas famílias ou dominadas por eles mesmos e chegávamos a conclusões mútuas sobre a parte lida e ao que ela se referia da cidade. Em diversos momentos, parávamos para consultar o dicionário sobre vocábulos desconhecidos ao nosso cotidiano. Fizemos, ao término do livro, um dicionário, em cartolina, com as palavras aprendidas.

Ainda com base no livro, para o evento da escola denominado Dia da Família na Escola²², os alunos do oitavo ano matutino ficaram incumbidos de montar, durante a segunda quinzena de outubro e a primeira de novembro, uma sala-teatro para declamar e encenar poesias pertencentes ao *Um Caminho Alemão*. Minhas orientações englobavam a divisão da turma em três grupos, um para abordar cada seção existente na obra. Ficou, então, um grupo com onze pessoas e dois com cinco. A equipe maior ficou com a parte mais extensa da obra. Solicitei que todos preparassem uma maneira atraente e diversificada de apresentar a biografia do autor e a parte introdutória com o objetivo de, brevemente, explicar quem é Luiz Cláudio Stähelin e como se deu o nascimento da obra. Além disso, os agrupamentos discentes precisavam escolher dois poemas para declamar e encenar. Foram reservadas cinco aulas para essa atividade.

O evento foi realizado em novembro, numa manhã de sábado. Na semana em que iria ocorrer a apresentação à comunidade escolar, solicitei aos estudantes a socialização, em aula, do que tinham produzido. Foi um momento espetacular, lindo, de grande envolvimento dos alunos. Eles produziram cenários para fixar na parede da sala, prepararam figurinos, maquetes e cartazes, assim como dominavam e encenavam com primor seus poemas. Havia um aluno, cuja família possuía viagem marcada para o referido sábado, que deixou gravada em *pen drive* sua parte na declamação. Ao perceber ser maçante, no Dia da Família na Escola, todos os grupos comentarem a biografia e a introdução, combinamos que, em cada sessão, uma equipe seria responsável por tal.

²² Evento constante do calendário escolar, realizado anualmente, cujo intuito é oportunizar mais integração entre família e escola.

Para montar o ambiente da sala de aula, para o sábado da atividade aberta à visitação, muitos educandos ficaram além do horário escolar na sexta-feira matutina e foram também no turno vespertino auxiliar na confecção. Era perceptível o brilho nos olhos dos adolescentes. Estipulei um cronograma, junto com a turma, e informei à direção da escola os horários das sessões. Elas ocorreram de 30 em 30 minutos. Antes de cada uma iniciar, a secretária escolar anunciava, no autofalante, que a sessão estava prestes a começar. Todas as exposições eram lotadas, chegando a ter pessoas em pé. Os familiares, as autoridades presentes, os educadores e os colegas dos alunos de outras séries/anos ficaram impressionados e não faltaram palmas, elogios e pedidos de registros em fotografia. Com certeza, a turma 81 sentiu-se muito valorizada e ciente da qualidade do trabalho produzido. Assim, fica evidente o protagonismo assumido pelos estudantes e o êxito do projeto realizado.

A terceira fase do projeto pedagógico, efetivada em 02 de outubro, contou com a vinda de alguns membros da ACALLE à escola e para proferirem uma palestra. Na oportunidade, a fala foi estendida a todos os estudantes dos anos finais do turno matutino e do vespertino. O convite foi feito por mim e meu intuito era aproximar a Academia de Letras Alcantareense do espaço escolar, proporcionando um momento de formação embasado na história e na literatura do município. Era importante mostrar que São Pedro de Alcântara tem uma instituição como essa e, principalmente, que há familiares dos próprios alunos inseridos nela e, muitas vezes, nem é de conhecimento dos jovens. Foram disponibilizadas duas aulas para a ação e o mês de outubro foi escolhido por nele ser comemorado, no dia 06, o dia do escritor alcantareense, mais um dado a compartilhar com os educandos.

Na oportunidade, o escritor Luiz Cláudio Stähelin, já conhecedor do projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, aproveitou também o momento para apresentar alguns trechos de suas poesias e solicitava que os alunos identificassem sobre qual característica, lugar ou pessoa de São Pedro de Alcântara ele estava falando. Houve, ainda, a participação do membro Celso de Souza que declamou poemas.

Ao término da explanação da ACALLE, foi dado espaço aberto para os estudantes interagirem com os integrantes da academia por meio de questionamentos ou de acréscimo de histórias já por eles internalizadas sobre o assunto. A participação de todos foi bastante válida e, encerrando, Luiz Cláudio proferiu palavras de estímulo quanto a morar ou estudar na cidade e a ter orgulho da cultura e da história do povo alcantareense.

Numa quarta fase, entrei em contato novamente com Luiz Cláudio Stähelin para que viesse à escola autografar os livros doados por ele e para reafirmar a temática do projeto. A durabilidade da atividade foi de 02 aulas, no mês de outubro. O escritor, após o recreio do período matutino, dialogou com todos os estudantes e, com lágrimas nos olhos, falou da relevância que via nas atividades propostas por mim junto à turma 81 e da necessidade de todo alcantareense de nascimento ou de adoção conhecer, respeitar e amar a cidade. Afinal, dentro do próprio estado de Santa Catarina, São Pedro de Alcântara merece maior destaque por ser a primeira colônia alemã, assim como por sua população ordeira e trabalhadora. Mas, conforme disse Luiz Cláudio, o sentimento de valorização tem de partir primeiro das pessoas moradoras do município. Ocorreu, também, a recitação, por parte do autor, do soneto *Pedidos*. Ao final, além de ser notória a atenção e a concentração dos alunos para tudo que o escritor dirigia a eles, houve um caloroso aplauso ao senhor Stähelin.

No momento dos autógrafos, as demais turmas foram encaminhadas às suas salas e a classe 81, em fileira e com o livro em mãos, aproximava-se e recebia uma dedicatória do escritor. Alguns professores de outras turmas, conhecedores do trabalho pedagógico, já tinham comprado a obra e também foram pedir o autógrafo.

A quinta fase foi desenvolvida no mês de setembro e com duração de 07 aulas, nela, após trabalho em sala com o gênero, solicitei a produção de anúncio publicitário com o objetivo de divulgar São Pedro de Alcântara expondo as vantagens de visitar e de morar no município. A finalidade era expor para os munícipes e, principalmente, para os visitantes os atrativos gastronômicos, culturais, naturais e históricos do município. Essa atividade contou com o apoio da professora de informática educativa. Os anúncios produzidos inicialmente foram socializados em sala e em mídias sociais da escola, todavia, como a qualidade do material impressionou consideravelmente, estimulei a circulação social em eventos como Dia da Família na Escola e *Oktoberanz*. Neste evento de abertura das festividades alemãs no estado, um grupo de estudantes ficou responsável por distribuir os materiais aos visitantes e aos moradores que participaram da festa. Faz-se pertinente destacar que se trata de um evento com grande público, sendo boa parte de outras cidades catarinenses. A empolgação dos educandos em ver o trabalho deles ganhando essa proporção deu-lhes, ainda mais, empoderamento.

A última atividade do projeto culminou com a ida dos educandos, com convite extensivo a seus familiares e professores, à Câmara Municipal de Vereadores da cidade. A organização dessa ação foi encabeçada por mim que entrei em contato com o

presidente da casa legislativa, o qual, de prontidão, aceitou abrir espaço aos alunos para participarem de uma sessão ordinária. Faz-se relevante acrescentar que a participação da turma na sessão ocorreu no mês²³ em que a cidade comemora sua emancipação política. Vale salientar que, desde o início do *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, eu já comentava com a turma o desejo de levá-los à Câmara para que os trabalhos deles alcançassem projeções além dos muros da escola. Como as sessões ocorrem nas segundas-feiras, a data de 21 de outubro foi a escolhida para nossa participação.

Na ocasião, uma estudante apresentou na tribuna o projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* e outros três alunos leram sonetos. Para eleger os representantes da turma que iriam à tribuna e as três produções textuais que seriam lidas, democraticamente a classe realizou uma votação. Em sala, após diálogo, decidimos que os textos deveriam apresentar uma cronologia histórica do município. Esse, portanto, foi um dos critérios para a seleção.

Naquela noite, todos os estudantes da turma 81 lá estavam uniformizados e muitos deles estavam acompanhados de seus pais ou familiares. A direção escolar estava presente, assim como eu – o professor – e alguns munícipes. Em suma, o plenário estava cheio e diversas pessoas estavam ali pela primeira vez. Este, aliás, é outro fator muito expressivo, pois o fazer pedagógico acabou por instigar a participação da comunidade, ao menos naquela ocasião, na vida legislativa da cidade, conhecendo todos os trâmites e os gêneros discursivos inscritos naquele meio social.

Os alunos transbordavam orgulho, aplaudiam quando vereadores sugeriam melhorias para o município ou criticavam decisões polêmicas do executivo. Então, partindo para o momento das explicações pessoais, o presidente da câmara de vereadores dirigiu a palavra a mim e aos alunos, expondo a satisfação de estarmos lá e de poder estreitar, desde a etapa escolar, a inserção e a vivência dos educandos no ambiente legislativo. Na continuidade, os estudantes foram chamados nominalmente para ascender à tribuna.

²³ Lei nº 717, de 20 de novembro de 2012, instituiu o dia 19 de outubro, dia do padroeiro São Pedro de Alcântara, como feriado municipal, ficando o dia 16 de abril, dia oficial de emancipação político-administrativa do município, como data comemorativa, porém não constante do calendário de feriados municipais.

A primeira fala foi de uma aluna cuja leitura apresentava um resumo do projeto pedagógico. Tal produção²⁴ foi realizada coletivamente em sala por todos nós – discentes e docente.

Senhor presidente Charles da Cunha, em seu nome cumprimento a todos os demais membros da mesa diretora, bem como a todos os senhores vereadores e assessores desta casa legislativa. Boa Noite!

Cumprimento, ainda, todos os cidadãos que poderão nos ouvir por meio do site da câmara e dirijo-me, também, a todos os presentes no auditório desta casa. Em especial ao nosso professor de língua portuguesa, senhor Paulo Henrique Lohn, ao diretor da nossa unidade de ensino, senhor Richard Motta Coelho, à secretária escolar, senhorita Scheila Schmitt, aos demais professores presentes, aos nossos amados pais/responsáveis e, com grande alegria, aos meus colegas da turma 81 da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho. Boa Noite, pessoal!

Venho à tribuna representar todos os estudantes da turma do oitavo ano matutino do Ensino Fundamental. Meu objetivo, ou melhor, nosso objetivo é socializar, com os senhores vereadores e com todos, alguns exemplos de atividades pedagógicas que realizamos em sala durante o corrente ano letivo. A temática, explanada pelo professor Paulo Henrique desde em muitas de nossas aulas, foi o nosso município de São Pedro de Alcântara. Tal escolha teve como motivação os seguintes pilares: os 190 anos de imigração alemã e a importância de valorizar nossa cidade, nossa cultura e nosso povo. Afinal de contas, uma das finalidades essenciais da escola é garantir um processo de ensino e aprendizagem cujo conhecimento possa ultrapassar o espaço da sala de aula, sendo uma ação humanizadora e de transformação social na e para a comunidade, na e para toda a sociedade.

Aliás, a própria visão contida no Projeto Político Pedagógico (PPP) de nossa escola menciona que: “A Escola tem como compromisso oferecer um ensino de qualidade e uma aprendizagem mais significativa, por meio de práticas pedagógicas que proporcionem a construção do conhecimento, o exercício da cidadania e o desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva frente às questões políticas, sociais, ambientais e culturais, valorizando a comunidade escolar e o reconhecimento do trabalho docente”.

A respeito das propostas de atividades sobre o projeto intitulado: *São Pedro de Alcântara – nossa terra, nosso orgulho*. Nós fomos orientados a pesquisar sobre nosso município para produzir gêneros textuais como: soneto, anúncio publicitário, parágrafo dissertativo. Assistimos a uma palestra, proferida pelos senhores Luiz Cláudio Stähelin e Celso João Souza, integrantes da Academia Alcantareense de Letras – ACALLE, sobre a história e a literatura de nossa cidade. Distribuímos, na *OKTOBERTANZ*, os anúncios publicitários que produzimos, com o intuito de expor todas as opções turísticas, bem como as vantagens de conhecer e de viver em São Pedro de Alcântara. Acrescento, ainda, que neste quarto e último bimestre, iremos ler a obra: *Um Caminho Alemão*, escrita pelo senhor Luiz Cláudio e que aborda poeticamente dados históricos de São Pedro de Alcântara.

Enfim, como o professor Paulo Henrique disse: “a meta é compreendermos que nosso município pode e tem muitas condições de progredir e que ações de cidadania são bastante válidas para a participação ativa e consciente de todos nos mais diversos espaços, como hoje, aqui, na Câmara de Vereadores”.

²⁴ Esse texto foi produzido coletivamente, em sala de aula, para ser apresentado no momento das explicações pessoais – espaço existente dentro do rito da sessão ordinária. Para auxiliar na elaboração, solicitei aos estudantes que ouvissem ou lessem, por meio do site da Câmara de Vereadores, como as autoridades legislativas desenvolviam seus discursos dentro desse gênero. Cada aluno trouxe entre dois e três exemplos, os quais foram socializados, analisados quanto às características para, em seguida, passarmos ao momento de produção das explicações pessoais da turma quanto ao projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*.

Na sequência, três colegas nossos farão uso da palavra para exemplificar os sonetos, um gênero textual poético, que produzimos. Destaco os panfletos que trouxemos para distribuir, também fruto de nosso processo de aprendizagem.

Então quero, em nome da direção, do professor Paulo Henrique e em nosso nome, estudantes da turma 81, agradecer e, em especial, ao presidente Charles por acreditar na nossa proposta e por mediar nossa vinda até aqui. Podem ter certeza, esse momento, mesmo breve, é muito significativo para nós. Eram essas as minhas, ou melhor, as nossas palavras. MUITÍSSIMO obrigada (o)! (LOHN, 2019).

Em seguida, vieram os três representantes escolhidos pela classe para ler os sonetos. Em suma, foi uma noite memorável e com grande centralidade nos estudantes. Muitos foram os elogios recebidos pela ação pedagógica e pelo empenho de todos. A alegria e o sentimento de dever cumprido com maestria faziam-se visíveis no semblante de cada um. Foram reservadas 05 aulas para essa proposta.

Com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão, segue um quadro síntese referente ao projeto pedagógico desenvolvido em 2019:

FASES	ATIVIDADES	AULAS	MÊS (ES)
1ª fase	Escrita de sonetos	6	Março
2ª fase	Leitura do livro “Um Caminho Alemão”	7	Agosto e setembro
	Declamação de poemas em evento escolar à comunidade	5	Outubro e novembro
3ª fase	Diálogo com a ACALLE	2	Outubro
4ª fase	Autógrafos e recitação	2	Setembro
5ª fase	Anúncios publicitários	7	Setembro
6ª fase	Participação na sessão ordinária da câmara de vereadores	5	Outubro

(Fonte: produzida pelo Autor.)

Encerro deixando vestígios do meu saber de experiência ao tirar de minha memória o vivido durante o projeto. Obviamente, minhas lembranças evidenciam os fatos que, certamente, foram mais significativos para mim – pois os aspectos emocionais/sentimentais influenciam diretamente na narrativa, no recorte feito, na seleção dos momentos em cada fase – estando vinculados ao saber de experiência.

4.4 Das comunicações verbais que sustentam as análises das memórias do professor-pesquisador

As produções escritas que serão responsáveis por permitir ao professor-pesquisador um resgate de suas lembranças do vivido e, assim, constituir-se-ão de fonte para a análise da presente pesquisa foram planejadas e desenvolvidas dentro da perspectiva de sequência didática, a qual se caracteriza por ser “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito, [...] com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Cabe destacar que tenho em mãos, como herança de um período especial vivenciado, parte dos materiais construídos durante a realização do projeto pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. No entanto, por não ter autorização do comitê de ética da universidade, os registros não serão divulgados, mas os possuo como fonte de pesquisa para reativar minhas memórias²⁵ e poder pensar sobre o que fora experienciado.

4.4.1 Sonetos

A sequência didática proposta para o desenvolvimento dos sonetos dispôs de seis aulas, no mês de março, para a sua realização. Inicialmente, agendei com a professora de informática duas aulas para a turma 81, pois necessitava de equipamentos para projeção. Na data marcada, encaminhei todos para o ambiente informatizado e a primeira atividade realizada foi a projeção de três produções escritas²⁶, uma de cada vez, na lousa. Solicitei que os estudantes lessem em voz baixa e, em seguida, pedi três voluntários, sendo um para a leitura de cada produção.

²⁵ No capítulo analítico, as análises são realizadas a partir das memórias do professor-pesquisador.

²⁶ Utilizei três produções, as quais aparecem como anexos nesta pesquisa. O primeiro texto apresentado foi o *Soneto de Felicidade* de Vinícius de Moraes. O segundo, intitulado *Gênero de Força*, foi elaborado por minha irmã, Elaine Aparecida Lohn, enquanto estudante, em 2017, da segunda série do Ensino Médio de uma escola estadual de Santo Amaro da Imperatriz. O terceiro – denominado *Maria Junkes, O Anjo da Vida* – foi uma produção poética de Samuel da Cunha, ex-aluno meu, em 2017, da segunda série do Ensino Médio da escola estadual de São Pedro de Alcântara. Um ponto interessante da escrita de Samuel é que o tema proposto por mim à turma dele era o Dia Internacional da Mulher e ele escreveu sobre a principal parceira de São Pedro de Alcântara.

Findadas as leituras, projetei os três sonetos simultaneamente na lousa e questionei aos alunos quais as semelhanças que eles identificavam. Uns relataram a questão das rimas, outros da quantidade de versos poéticos, alguns da existência de uma temática motivadora em cada uma das obras, outros da composição ter duas estrofes com quatro versos e duas com três. É válido mencionar que as características elencadas eram registradas no quadro branco por mim.

Na continuidade, informei a eles que o gênero discursivo era um soneto. E, então, explanei as origens dessa escrita, apresentei Luís Vaz de Camões, comentei dos grandes nomes de poetas brasileiros que produziram/produzem sonetos, abordei os aspectos métrico e rimado, além de enfatizar o último verso – conhecido como chave de ouro – cuja finalidade é encantar, surpreender o leitor. Faz-se necessário destacar que todas as informações foram registradas pelos educandos em seus cadernos, assim como cópia dos três sonetos projetados foram entregues também.

Numa aula em sala, comuniquei aos alunos que teriam de produzir um soneto. Desobriguei-os da preocupação com a metrificação, mas todos os demais quesitos do gênero tinham de aparecer. Reforcei o que sempre argumento com eles: “não façam o texto pensando ser só para uma leitura ou para a satisfação de uma obrigação avaliativa para com o professor. Produzam acreditando na potencialidade de vocês e na ideia de que a produção textual pode alcançar outras esferas, outros contextos. O professor só tem a sorte de ser o primeiro leitor e de poder sugerir aperfeiçoamentos, mas a escrita de vocês é para o mundo”.

As temáticas dadas foram vinculadas ao projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*: 1) 190 anos de imigração alemã na cidade; 2) 25 anos de emancipação político-administrativa. Aproveitamos para dialogar sobre fatos, informações relevantes do município, além disso, pedi que conversassem com seus familiares ou vizinhos sobre dados importantes a respeito do tema escolhido para melhor subsidiar suas escritas.

No nosso próximo encontro, disponibilizei uma aula para a produção textual. Eu circulava pela sala e, conforme me indagavam, buscava auxiliar na construção. A dificuldade mais frequente era quanto à rima, porque precisam articulá-la à coesão e à coerência das ideias no texto. É imprescindível assinalar o comprometimento, a empolgação e o interesse dos alunos em elaborar bons textos.

Terminado o tempo estipulado, recolhi os sonetos para ler e estabelecer diálogo com cada um. Na aula seguinte, explanei, de forma geral, os pontos que alguns

educandos deveriam ficar mais atentos na reescrita. Eles reescreveram. Eu me coloquei no lugar de interlocutor privilegiado novamente. Quando da devolução com a avaliação já registrada, houve socialização das produções e, em casa, solicitei que os estudantes digitassem seus sonetos e me enviassem por e-mail para a confecção de um varal literário. Diante, aliás, da qualidade dos trabalhos comuniquei aos estudantes que me empenharia ao máximo para levá-los à Câmara de Vereadores para apresentarem seus sonetos. A euforia e o prazer em participar de todo o processo estavam estampadas em toda a classe.

4.4.2 Dos anúncios publicitários

Para desenvolver a escrita de anúncios publicitários, no mês de setembro, foram disponibilizadas sete aulas. A sequência didática para a proposta de ensino e aprendizagem contou com a colaboração da professora de informática educativa, pois a última atividade consistia em os textos dos estudantes serem digitados e impressos como panfletos – recorrendo, portanto, a recursos informatizados. A docente aceitou e mostrou-se bastante interessada em contribuir.

De início, agendei previamente e levei os alunos para a sala de computação. Por duas aulas, comecei exibindo três anúncios publicitários veiculados na televisão aberta e, em seguida, projetei dois textos do mesmo gênero para leitura. A ação de ler ficou a cargo do educando líder de turma. Após as exposições e os textos lidos, prossegui questionando a classe a respeito de suas observações quanto às produções audiovisuais e escritas apresentadas. As respostas foram rápidas, relatando dados como: intenção de divulgar algo; tentativa de convencer quem escuta ou lê; linguagem objetiva; uso de imagens que comunicam; estrutura contendo título, texto curto e com uma frase ou oração final marcante.

Após todas as características mencionadas e registradas por mim no quadro branco e os educandos em seus cadernos, entreguei a todos um material impresso com conteúdo pertinente ao gênero do anúncio publicitário e três exemplos. Houve, ainda, tempo para comunicar aos estudantes que, em breve, haveria a escrita do gênero, tomando como eixos temáticos: 1) 190 anos de imigração alemã na cidade; 2) 25 anos de emancipação político-administrativa. Além disso, relatei a respeito da confecção dos panfletos e da necessidade de escolherem imagens cujos usos contribuíssem com a

proposta pedagógica. Orientei, também, a busca de informações com familiares, vizinhos ou em setores da prefeitura municipal, para embasar as escritas. Finalizei enfatizando que os anúncios publicitários seriam socializados em sala, expostos para distribuição em determinados espaços escolares e publicados nas mídias sociais da unidade de ensino. A produção escrita ficou marcada para a semana seguinte.

Durante toda a aula destinada ao desenvolvimento do texto, circulei entre os alunos e, quando necessitavam, eles pediam auxílios ou buscavam sanar dúvidas. Ao término, recolhi as escritas para, enquanto interlocutor e mediador, poder dialogar com os alunos. Já em nosso encontro seguinte, entreguei as produções, explanei as principais inadequações e solicitei a reescrita. Em duas aulas agendadas na sala de informática, os educandos tiveram de proceder com as ações necessárias para a elaboração dos panfletos.

Os trabalhos ficaram espetaculares, ricos em criatividade e dentro da proposta de divulgação da cidade. Logo, além da socialização em sala, na escola e nas mídias sociais, propus aos estudantes a exposição no Dia da Família na Escola e na *Oktoberanz*. A turma adorou, ficou muito empolgada, elogiaram a ideia e parabenizavam uns aos outros pelos anúncios produzidos. Para distribuir no maior evento alemão do município, doze alunos se disponibilizaram para tal tarefa. No dia e depois da realização da festividade de abertura das festas alemãs no estado, vários foram os elogios da comunidade para a iniciativa da turma 81.

5 HUMANIZAÇÃO À VISTA: UMA SEÇÃO ANALÍTICA

[...] acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, apropriando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento, às relações sociais, as experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito social cultural e no aprimoramento da sua vida social.

(Libâneo)

5.1 Um caminho possível

O pesquisador narrador buscará vasculhar e resgatar suas memórias, quando da realização do projeto pedagógico: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, ansiando encontrar subsídios consistentes junto à experiência vivida para responder ao questionamento central e orientador de pesquisa: “Como o trabalho com o texto literário, numa perspectiva bakhtiniana, contribuiu para a humanização dos estudantes?”.

Para auxiliar nessa resposta, as recordações do professor-pesquisador tomarão como ponto de partida as seguintes indagações: “O envolvimento com o texto literário provocou contrapalavras?”; “O letramento literário propiciou leitura de mundo, formação do homem, leitura do lugar onde vive/estuda, desenvolvimento de cidadania, conhecimento, criticidade, expressividade, empatia, ampliação cultural?”; “O signo ideológico teve alcance na escrita do aluno?”; “O educando desenvolveu maior valoração sobre as coisas?”.

Haverá, ainda, a observação de vestígios que possam comprovar o alcance dos objetivos propostos para a pesquisa: “1) Analisar, por meio da memória do pesquisador narrador, os materiais produzidos durante o desenvolvimento do projeto *São Pedro de Alcântara - Nossa Terra, Nosso Orgulho*; 2) (Re)conhecer os reflexos e as refrações do saber de experiência na/da prática docente do professor-pesquisador; 3) Dispor de um caminho teórico-metodológico no processo de humanização por meio da literatura”.

Como instrumentos para evidenciar o êxito das metas, serão verificadas ponderações como: “De que forma o diálogo se manifesta?”; “O que o enunciado

concreto provoca?"; "A quem a escrita foi dirigida?"; "Qual a sua finalidade e que efeitos de sentido desencadeia?"; "Como o gênero proposto dialogou com o gênero lido?"; "Qual a relação palavra minha/palavra outra?"; "De que maneira a interculturalidade pode ser evidenciada?".

Em suma, o capítulo de análise estará construído seguindo os caminhos oriundos dessas reflexões.

5.2 Um iceberg avassalador: A pandemia do Novo Coronavírus modifica o itinerário

Se eu não posso modificar a vida, quero deixar que a vida me modifique. / Se eu não posso mudar o acontecimento, / Então eu quero que o acontecimento me modifique. / Isso é reconciliar os contrários. / Isso é descobrir a sabedoria da possibilidade.
(Padre Fábio de Melo)

Ao decidir por uma incursão marítima, inúmeros cuidados são necessários para garantir a segurança da embarcação e de sua tripulação, objetivando que não surjam contratempos em alto mar. É habitual realizar a manutenção do barco/navio; fazer uma vistoria rigorosa antes de içar a âncora; planejar a rota e verificar a previsão do tempo; conduzir a nau com demasiada prudência etc. Todavia, mesmo sendo observadas e postas em prática todas as precauções, a viagem pode trazer surpresas que acabam alternando, com maior ou menor impacto, a rota inicialmente projetada.

Assim como fenômenos climáticos/atmosféricos/naturais e/ou equívocos humanos podem acarretar a mudança do caminho a ser seguido por um transporte náutico, tudo o que alguém se propõe a fazer está suscetível a percalços, cujas consequências podem resultar em replanejamentos, em redefinições de trajetos e metas.

A pandemia mundial desencadeada pelo Novo Coronavírus (nome científico *Sars-cov-2*) – responsável pelo desenvolvimento da doença popularmente denominada de Covid-19 – já levou a óbito um total de 549.448²⁷ somente no Brasil. O vírus, que ocasiona problemas respiratórios graves, podendo desenvolver uma síndrome

²⁷ Dado presente no site: <https://covid.saude.gov.br>, através do Painel Coronavírus, cuja última atualização ocorreu em 24/07/2021, às 19h10min. É um sítio virtual desenvolvido pelo ministério da saúde do governo federal brasileiro. Acesso em 25 de julho de 2021.

respiratória aguda gravíssima na pessoa contaminada e tirar-lhe a vida, foi identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China²⁸.

Toda a população do globo terrestre precisou alterar os seus hábitos, pois – para tentar evitar a propagação em larga escala, o caos do sistema de saúde e um conseqüente contingente gigantesco de mortes – protocolos e orientações para o enfrentamento ao Novo Coronavírus foram aplicados. Alguns exemplos são: o uso obrigatório de máscaras cobrindo boca e nariz; higienização frequente das mãos com água e sabão ou com álcool em gel 70%; distanciamento e, conforme o agravamento da pandemia, houve períodos de isolamento social; fechamento de serviços não essenciais; dentre tantas outras determinações. Enfim, 2020 foi o ano em que mais restrições e regras orientativas foram emitidas. O primeiro caso de COVID-19 registrado em solo brasileiro foi em 26 de fevereiro de 2020²⁹. Logo, em março do referido ano, todas as unidades de ensino brasileiras (privadas, municipais, estaduais e federais) foram fechadas, passando a desempenhar o modelo de ensino remoto.

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p.8).

O estado de Santa Catarina, para todas as instituições de educação básica existentes em seu território, suspendeu, inicialmente, as aulas presenciais de 19 de março até 31 de maio de 2020³⁰, mas, na verdade, não houve condições de saúde pública necessárias para a retomada do ensino presencial e, portanto, o modelo remoto permaneceu até o final do ano letivo, pois gradualmente novos decretos eram produzidos e todos mantinham as mesmas decisões quanto ao atendimento educacional.

A Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho – unidade de ensino em que o professor-pesquisador leciona – seguiu os decretos estaduais e municipais quanto à suspensão das aulas, bem como os documentos oficiais de aplicabilidade do ensino remoto, o qual, aliás, não se pode confundir com educação a distância (Ead). Isso porque, de acordo com o decreto federal nº 9.057, de 25 de maio de

²⁸ Informação obtida no site: www.butatan.gov.br, no item tira dúvida Butatan. Acesso em 25 de julho de 2021.

²⁹ Dado vindo do site: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>, cuja responsabilidade é do governo federal do Brasil. Acesso em 25 de julho de 2021.

³⁰ Decreto nº 525, de 23 de março de 2020 do governo do estado de Santa Catarina.

2017 – cuja finalidade é regulamentar o artigo 8º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)³¹ – compreende-se:

[...] educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Portanto, o aspecto de distanciamento geográfico entre discente e docente é característica do ensino remoto e da Ead. Todavia, o primeiro pode ocorrer por meio de entrega de materiais impressos ou, quando o educando possui acesso, através da utilização de plataformas de comunicação digitais ou não. Já a educação a distância, dentre outros aspectos, requer o uso de tecnologias de informação e comunicação para a interação professor e aluno.

Em relação aos registros legais orientadores das ações desempenhadas pela rede municipal alcantareense, podem ser citados dois exemplos: 1) o decreto³² que garante a aplicação imediata dos decretos e regulamentos emitidos pelo governo estadual catarinense referentes às ações destinadas a enfrentar e a conter a transmissão do Novo Coronavírus (COVID-19), incluindo as normas de funcionamento das atividades nos órgãos públicos; 2) a resolução³³ que trata – em decorrência da conclusão do ano letivo em formato remoto – da sistemática de avaliação, da reformulação do calendário escolar, do regime de atividades não presenciais e da validação do ano escolar de 2020.

Dispõe sobre o processo de validação, avaliação, reorganização do calendário escolar para a Educação Básica, durante o regime especial de atividades escolares não presenciais, em razão da Pandemia da Covid-19, para fins de cumprimento do calendário letivo do ano de 2020, na Rede Municipal de Ensino de São Pedro de Alcântara.

Em virtude do cenário promovido devido à pandemia do vírus Sars-cov-2 – no qual muitos estudantes concluíram o ano escolar de 2020 sem efetivar interações presenciais e/ou remotas com o professor e com os colegas para assegurar um bom processo de ensino e aprendizagem, além dos estudantes selecionados para contribuir com os estudos para a elaboração da presente dissertação não serem mais educandos da

³¹ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, define as diretrizes e bases da educação nacional.

³² Decreto nº 039, de 13 de abril de 2020, elaborado pelo executivo municipal de São Pedro de Alcântara.

³³ Resolução do Conselho Municipal de Educação (CME) nº 04/2020, de 08 de dezembro de 2020, assinada pelo presidente do órgão e pela secretária municipal de educação, cultura e desporto.

escola municipal por terem concluído o ensino fundamental e, conseqüentemente, terem ingressado em outras instituições educacionais para cursar o ensino médio, deixando de ser alunos do professor-pesquisador – a pesquisa inicialmente aqui pretendida acabou abandonando o objetivo inicial que era analisar o impacto aos estudantes após um ano de sua realização, tendo como propostas duas produções escritas: narrativa e artigo de opinião. Ambas teriam como pano de fundo, primeiramente, uma retomada dialógica com a turma acerca das fases e das atividades desenvolvidas no transcorrer da proposta pedagógica concluída em 2019.

Torna-se válido mencionar que se pensou em aplicar seqüências didáticas que subsidiariam o trabalho com os gêneros do discurso, tendo sempre etapas bem definidas, estruturadas, reflexivas, participativas e com vistas à circulação dos textos em ambientes sociais do município, bem como em mídias sociais. Logo, os alunos conheceriam cada momento do processo de ensino e aprendizagem, além de compreender o alcance social de suas escritas.

É relevante destacar o desejo à época de trilhar um percurso bastante rico para a narrativa e para o artigo de opinião, o qual contaria com as seguintes etapas: leituras de textos dos gêneros propostos; discussão para evidenciar características entre as composições lidas; definições teóricas; solicitação de escritas com temáticas que estivessem vinculadas aos ecos provenientes do projeto de 2019; socialização das produções para favorecer os diálogos necessários entre os interlocutores (alunos e professor); confecção de livro com as narrativas de experiência para integrar o acervo das bibliotecas escolar e municipal; elaboração de jornais com os artigos de opinião, efetuando a distribuição na unidade de ensino, bem como nos principais espaços de circulação dentro da cidade.

Enfim, a realidade imposta modificou tudo na sociedade e, obviamente, alterou a maneira de conceber a pesquisa de pós-graduação aqui proposta. Então um novo norte surge, estando alicerçado na resolução nº 003, datada de 02 de junho de 2020, do conselho gestor do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS³⁴.

Faz-se necessário ressaltar que a resolução nº 003/2020, entre outras normas, explicita, em seu artigo 1º, a possibilidade dos trabalhos de conclusão da sexta turma do

³⁴ Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS.

mestrado profissional em Letras³⁵ poderem ter caráter propositivo sem serem, obrigatoriamente, aplicados em sala de aula. Desse modo, a dissertação *LANÇAR-SE AO MAR DA HUMANIZAÇÃO ANCORADO NUMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UM CAMINHO PEDAGÓGICO TRANSFORMADO EM NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA* foi redirecionada para a pesquisa narrativa alicerçada nas próprias narrativas, memórias e recordações do professor-pesquisador. Aliás, sobre esse modelo de estudo, Liana Arrais Serodio, em seu texto *Linguagem e Interpretações* escrito em 2019 e publicado no livro: *Narrar o vivido, narrar o narrado. Encontros e oficinas de formação* (2021), afirma que, quando estava realizando seu mestrado, desejava responder a uma questão cujas análises eram centradas em aspectos musicais. O problema: a linguagem verbal não consegue dar conta de tudo o que há na linguagem musical. Desse modo, ela encontrou a resposta em uma produção desenvolvida “durante a própria pesquisa – que considera os guardados dx professorx como fontes relevantes de dados, desde que responsivos eticamente à pesquisa”. Em determinado trecho da produção *Linguagem e Interpretações*, na seção intitulada *Algumas premissas produtivas nas narrativas de vivência*, Serodio ainda menciona:

X leitorx irá compreender melhor a pesquisa sabendo quem a fez, quem escreveu o texto. Na perspectiva das pesquisas narrativas (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015; SOLIGO, SIMAS, 2015), estão diretamente ligadas ao percurso de pesquisa dx autorx das narrativas, sua formação, sua história, sua perspectiva de vida e pesquisa, é apresentada no seu memorial de formação (PROENÇA, 2015). Este é um momento necessário nessa perspectiva de pesquisa. E é diretamente ligado ao inventário (PRADO; CHAUTZ; FRAUENDORF, 2017) construído a partir de seleção e organização dos documentos, recordações e outros guardados: na perspectiva da metodologia narrativa em educação de pesquisa não se faz levantamento do inventário, ele é produzido narrativamente (SERODIO, 2021, p. 43-44).

O “memorial de formação” destacado por Serodio, no caso da dissertação aqui elaborada, encontra-se na seção *Das experiências marítimas: “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”*. Quanto ao inventário para análise e observância do alcance ou não do objetivo geral da pesquisa que é: “Refletir, por meio da narrativa advinda do saber de experiência, o quanto o trabalho com o texto literário repercutiu na formação humanizadora do sujeito, com vistas a estimular a valorização cultural e o sentimento de pertencimento, lançando, a partir da reflexão, uma proposição de trabalho.”, os Capítulos 3 e 4 abarcam alicerces essenciais para o presente capítulo analítico.

³⁵ A sexta turma do PROFLETRAS é a turma a qual eu, Paulo Henrique Lohn, pertenço enquanto mestrando.

5.3 Uma viagem bem sucedida: a relevância das escolhas para chegar ao destino almejado

É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos e isso ocorre porque a Literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo.

(Cosson)

Para o sucesso de qualquer viagem marítima, o primeiro passo é ter confiança de que foram feitas escolhas certas, de que está com uma boa embarcação, com uma tripulação dedicada e habilidosa, além de estar com todos os componentes indispensáveis para navegar tanto em águas mansas quanto em possíveis momentos de tempestades.

Ao reviver – através de minhas lembranças enquanto professor/narrador-pesquisador – as atividades realizadas com a turma 81 (oitavo ano matutino) durante as ações pedagógicas desenvolvidas no decorrer do ano letivo de 2019, consigo perceber que ótimas escolhas foram feitas. A começar pelo diálogo ocorrido entre os gêneros lidos – poemas – e as ações propostas aos estudantes. Aliás, sobre esse aspecto pretendo argumentar agora.

Conforme já abordado na presente dissertação, a obra *Um Caminho Alemão*, de Luiz Cláudio Stähelin, apresenta informações históricas a respeito da chegada dos alemães a Desterro, a vinda deles para o hoje município de São Pedro de Alcântara e, principalmente, como as personagens/personalidades, as construções, os pontos turísticos e a maioria dos bairros alcantarenses foram se formando e ganhando destaque dentro da história local.

Então, para organizar as minhas memórias, selecionei três poemas lidos com e pelos educandos. São escritos muito representativos perante a intenção do projeto desempenhado em 2019 e em virtude das reflexões pertinentes ao estudo objetivado na pesquisa de mestrado. As produções conseguem sintetizar bem concepções sustentadoras da fundamentação teórica apresentada na seção *De Bakhtin e Antonio Candido a outros estudiosos*, pois enaltecem o poder da literatura na humanização dos sujeitos.

Os poemas escolhidos corroboram o entendimento de Antonio Candido a respeito do engajamento artístico, político, científico, filosófico, econômico e cultural que a leitura deve propiciar ao indivíduo, fazendo-o refletir, analisar e compreender o motivo da sociedade em que vive ser como é, permitindo-lhe, ainda, projetar o futuro dessa mesma coletividade. Desse modo, o livro *Um Caminho Alemão* tinha como propósito desencadear, dentro das concepções de Rildo Cosson, um diálogo de interação social entre o autor, o texto, o leitor e o contexto com vistas a fomentar muito mais do que uma simples atividade mecânica de decodificação dos códigos, mas sim, com base no letramento literário enfatizado por Cosson (2018), “ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas”.

Portanto, a obra de Luiz Cláudio Stähelin, - em especial os três textos que serão apresentados aqui -, tinha os seguintes objetivos para com os estudantes da turma 81: sensibilizá-los e aproximá-los em relação à cidade em que moram/estudam; estimular diálogos em sala e em casa; ressignificar visões e opiniões, muitas vezes, preestabelecidas; contribuir para a formação humanizadora.

Ao pensar nas três funções da literatura abordadas por Candido em *A literatura e a formação do homem* (2002), é perceptível que a de ordem social tem grande espaço no projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, visto que o entrelaçamento entre o pensamento reflexivo e a ação transformadora é bastante presente com o intuito de trazer aos educandos uma consciência social perante a realidade em seu entorno. Nada melhor do que os levar à compreensão e à experimentação por meio do diálogo proporcionado pela leitura, das situações vivenciadas pelos imigrantes alemães – seus antepassados – para buscar desenvolver a cidadania pautada na ampliação cultural, na empatia, na criticidade e, principalmente, no conhecimento.

Trazendo as contribuições de Bakhtin para justificar a escolha dos três poemas que serão expostos na íntegra, é fundamental mencionar, mesmo brevemente, a concepção de constituição de sujeito oriunda do dialogismo, da alteridade e do excedente de visão. Isso porque os escritos conseguirão exemplificar bem a importância da interação verbal – quando sustentada pelo diálogo cujo efeito é desencadear nas pessoas momentos de concordância, de desacordo e de réplica. São essas oportunidades que favorecem significativamente a formação humana, pois possibilitam interações entre o *eu* – no caso, o estudante – e o *outro* – na ocasião o autor, o texto, o contexto e

até os colegas, o professor, os familiares etc. – cada qual com seu discurso impregnado de sentidos de valor.

Ao colocar-se aberto a dialogar ou ao ser inserido em uma situação de diálogo, o indivíduo torna-se propenso a compreender o que o outro pensa a seu respeito e, na situação dos textos de Luiz Cláudio Stähelin, sobre sua história. Esse embate auxilia na construção da identidade do sujeito, porque, de início, o *eu* encontra-se com seu sentido de valor, com suas concepções de verdade e com sua consciência de si. No entanto, ao defrontar-se com os pensamentos e as visões do *outro*, o *eu* e o *outro* acabam “invertendo” seus lugares e, ao retornarem, voltam alterados em suas constituições enquanto sujeitos. Um ator preponderante para essas alterações é reflexo da empatia promovida pelo excedente de visão quando do processo ativo e responsivo da interação social.

Após comentar os porquês motivadores e vinculadores da seleção dos poemas ao aporte teórico da dissertação, o primeiro a ser abordado é *O Sertão*. Ele apresenta o início de tudo, enfatizando o árduo caminho percorrido pelos imigrantes alemães de Desterro até onde hoje é o solo alcantareense, além de expor a penosa realidade imposta pelo governo brasileiro ao conceder-lhes uma terra fechada em mata e com relevado extremamente acidentado. Logo, coube aos germânicos, para se manterem vivos, demonstrarem suas bravura e resiliência, desbravando a região, construindo suas casas, suas moradas e suas plantações.

O Sertão

Subiram o maruim pela margem esquerda de guia
Um sertão desconhecido só avistado de alto mar
No alto do monte a pedra branca ao longe se via
Terra de feras, bugres e matas a adentrar

O sertão do maruim de terras planas em milhas
Das primeiras lavouras dos irmãos açorianos
Das virtudes e coragens para avançar pelas trilhas
Em terras antigas do laço forte dos amigos praianos

Logo à frente, frustração
Morros, montes, penhascos
Imigrantes largados, sem proteção
Abrir clareira na mata, opressão

Omissão dos governantes, deserção
Acampar em novo abrigo, descansar
Paixão pela nova terra, nossa missão
Misérias, abandonos, nova promessa...

E, o tempo dorme na espera... Sem pressa...
(STÄHELIN, 2017)

A leitura do poema também possibilitou aos estudantes a ressignificação do lugar em que vivem/estudam, pois, ao conhecerem a história de seus antepassados, tiveram condição de repensar a história de seus pais, de seus avós, de sua comunidade e deles mesmos. Ao citar, por exemplo, o Rio Marum e a Pedra Branca, no trajeto dos alemães, o autor desencadeia um sentimento de aproximação e de pertencimento, despertando o interesse pelo texto e pelo contexto sócio-histórico apresentado. As discussões originadas da produção escrita foram muito produtivas em sala de aula, porque trouxe à tona as vivências dos homens que povoaram a primeira colônia alemã catarinense. O excedente de visão proporcionado pelo diálogo com *O Sertão* foi riquíssimo para sensibilizar os educandos, deixando-os mais abertos às leituras a respeito dos imigrantes, bem como levando-os a um movimento exotópico de entender sua constituição e de sua comunidade a partir de posturas de alteridade, ou seja, de colocar-se no lugar do outro, sendo empático e retornando ao seu lugar, mas nunca voltando como era antes. Foi necessário afastar os sujeitos do local onde vivem/estudam para verem, sentirem e entenderem a grandeza do chão onde pisam.

Outro poema que considero relevante marcar por ter sido desencadeador de excelentes conversas em sala de aula e até nas residências dos alunos é denominado *A Primeira Capela*. Isso porque aborda a construção da primeira capela, a qual se tornou ponto turístico e ganha relevância em virtude da força da religião católica entre os munícipes tanto antigamente quanto na atualidade.

A Primeira Capela

Mata densa, selva escura, a reza é o que me escondia do inimigo
Chuvvas, intempéries, um clarão, lá vem mais uma trovoada
Pelo reino da coroa é abandonado o colono tão oprimido
Na esperança da fé, intercedei por nós a Deus, oh! Santa Bárbara!

Cem anos se passaram, quando nas mãos de um nobre ferreiro
São esculpidas na placa de cobre, orgulho de um povo amado
Sob as bênçãos de um povo, sofrido e guerreiro
“Peregrino: o chão onde pisas é um chão sagrado”

Privai-nos das fortes chuvvas, das enchentes e trovoada
Quando da nossa primeira colheita, com enxurrada foi levada
Pobre colono ainda em mata inóspita, uma esperança alvissara

Passando longos anos, superando a tudo e pela sorte despojados
Nutriram sua fé através das glórias e lutas dos seus antepassados

Sustentai nossa fé, intercedei por nós a Deus, oh! Santa Bárbara!
(STÄHELIN, 2017)

A obra estimulou a ampliação do conhecimento histórico e cultural sobre a cidade de São Pedro de Alcântara, porque, além dos educandos quererem saber mais sobre a Orada de Santa Bárbara – a primeira capela em chão alcantarense – também quiseram conhecer a história das duas mais conhecidas igrejas do município: Igreja Matriz, localizada no bairro Centro, e Santuário Bom Jesus da Santa Cruz, situado em Santa Teresa – bairro em que também fica a Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho.

Ao conversarem com seus familiares, com seus vizinhos, com colegas e ao pesquisarem a respeito, os estudantes tomaram conhecimento de que a Igreja Matriz foi inaugurada no ano de 1929, em comemoração ao centenário da colonização alemã. Foi uma construção advinda, em boa parte, de doações e do trabalho do povo que na colônia vivia, ou seja, os antepassados dos alunos, em sua maioria, auxiliaram na edificação do maior prédio religioso da cidade, o qual até hoje é o principal ponto turístico municipal.

Em relação ao Santuário Bom Jesus da Santa Cruz, a maior recordação que tenho por parte dos estudantes foi quando – além de tomarem ciência de que a população ajudou na edificação – ainda ficaram encantados com a motivação que o fez existir. Afinal, foi Marcos Manoel Vieira, o Tio Marco, quem influenciou na devoção pela Santa Cruz. Tio Marco era um escravo que fugiu e se refugiou na mata do Morro do Quilombo³⁶. Ele fez uma promessa que, caso sobrevivesse até a abolição da escravatura, iria construir uma cruz e carregar nos ombros até a comunidade de Santa Teresa. Assim ele o fez. Mais tarde, no local em que Tio Marco fixou a cruz foi construída uma capela de madeira. Atualmente, a igreja é bem ampla e de alvenaria, em sua frente há uma grande estátua do escravo Marco e, ao seu redor, algumas placas de graças alcançadas. Nos meses de maio, mais especificamente no segundo final de semana, acontece a Festa Religiosa da Paz e da Fraternidade. A cidade de descendência alemã constituída em sua maioria por brancos recebe, nessa época do ano, muitas excursões de cidadãos negros. É um evento em memória ao Tio Marco, à fé e ao respeito para com todos.

Foi um ótimo poema para despertar, por meio do trabalho dialógico, o sentimento de pertencimento dos estudantes. A partir de leitura literária, em que Luiz

³⁶ Morro localizado no bairro de Santa Tereza, em São Pedro de Alcântara/SC.

Cláudio Stähelin consagra um lugar, ocorreu o processo de alteridade e de excedente de visão, os quais contribuíram para os educandos olharem a realidade do município em que vivem/estudam através de outros prismas e, em um movimento empático formado por sensações de tristeza e orgulho, foram tocados de maneira amorosa pela história de seus antepassados. Em resumo, consideramos que a sensibilidade despertada foi um ato de humanização dos indivíduos ao entenderem a grandiosidade histórica e social das pessoas e de seus legados para a cidade de São Pedro de Alcântara.

O terceiro poema, denominado *Ajudadeiras*, destaca o trabalho desempenhado pelas parteiras, em especial, a dona Maria Rasweiler Junkes que ajudou a trazer ao mundo mais de três mil alcantarenses e tem seu nome, como forma de homenagem, empregado na única farmácia privada e no posto de saúde do centro do município.

Ajudadeiras

Marias, Marichas, Michas... Mulheres parteiras
 Banhos de assento, unguentos para aliviar a dor
 Ervas curativas, águas místicas, aparadeiras
 Vontade divina, sagrado feminino, ato de amor

Cumadre acatada, alma feminina, de labuta diária
 Mulher rezadeira, benzedeira, missão dada por Deus
 Perigos da noite, as dores do povo, agrura calvária
 Livra do sofrimento a quem precisa, como filhos seus

Ajudai vir ao mundo nossos filhos por tuas santas mãos
 Por um agrado qualquer, receitas contra os males da população
 Para partear não tem hora, nem lugar, para adentrar pelas matas

Nilas, Tilas, Fridas... Senhoras moça
 Que cozinham, lavam, varrem e capinam a roça
 Curai as mazelas de vosso pobre povo, que lhes são gratas
 (STÄHELIN, 2017)

Mais uma vez o texto despertou o interesse dos alunos, porque, em grande parte, quase todos têm um ou mais parentes que dona Maria Junkes ajudou no nascimento. Assim, novamente, o fazer pedagógico mostrou-se significativo e estimulou o engajamento da turma 81 junto às atividades propostas. Foi possível ressignificar, além do lugar em que vivem/estudam, as relações com as pessoas, pois, em uma sociedade tão habituada a pré-natais e maternidades, tomar consciência das dificuldades experienciadas por seus antepassados até no momento de nascer ofereceu um “choque de realidade” e, conseqüentemente, desenvolveu novos olhares sobre os sujeitos e sobre si.

Argumento aqui, alicerçado em Bakhtin, que um aspecto relevante a ser enfatizado é o da interculturalidade. De início, pensado em relação às parteiras, visto que os sujeitos tendem a validar somente as suas crenças, os seus costumes, os seus comportamentos e as suas realidades. Em seguida, observado quanto a aspectos culturais, artísticos e linguísticos deixados pelos imigrantes alemães. Isso porque é comum tudo o que foge ao “padrão”, ao homogêneo definido por um indivíduo ou pelo grupo ao qual está inserido, apresentar-se como não válido, como algo inferior e com tendência à estereotipagem.

Então, o trabalho com a interculturalidade é de considerável valia posto que, ao propiciar a inserção na cultura alheia, a pessoa não estará abandonando a sua e nem sendo submisso a do outro. É mais uma relação dialógica de, mantendo a individualidade de cada um, fazer o exercício de abrir-se e colocar-se no lugar do outro para, com empatia e respeito, enriquecerem-se de forma mútua.

Como fechamento, torna-se prudente frisar que o livro *Um Caminho Alemão* proporcionou fazer da escola, ainda mais, um local privilegiado para a formação de leitores, o letramento literário e a própria humanização dos sujeitos.

5.4 Vivências eternizadas: a ação humanizadora analisada a partir das memórias do professor-pesquisador

Como o capital, a memória significa certo volume de bens acumulados, criados não para consumo imediato, mas para uma produção posterior. Noutros termos, a memória significa emprego e participação da experiência anterior no comportamento presente.

(Vigotski)

O que fica de uma grande navegação? Com certeza, as recordações dos momentos vividos. Afinal, como esquecer as etapas de planejamento e de organização sempre pensadas cuidadosamente com o intuito de garantir o sucesso da viagem? De que modo não lembrar, na condição de comandante, da expectativa estampada no semblante de cada integrante da embarcação? Como esquecer as emoções vivenciadas, desde o ingresso no navio, perpassando as oportunidades de conhecer novos sujeitos e suas histórias, de realizar trabalhos coletivos, de presenciar descobertas que se transformam em ampliação de saberes, findando com a alegria da chegada ao destino

almejado. Sim, graças à memória é possível, mesmo depois de anos, ter acesso a tudo o que de fato *nos passou, nos aconteceu e nos tocou*.

Indubitavelmente, as lembranças que mais fortemente estarão imortalizadas em uma pessoa nem sempre serão as mesmas que ficarão perpetuadas em outros partícipes daquela vivência. Isso porque, assim como os indivíduos são únicos, as marcas das ações experienciadas também são singulares, ganhando maior ou menor importância de acordo com o nível e a intensidade com que *passam, acontecem e tocam* verdadeiramente cada sujeito. Desse modo, para alguns, durante o trajeto marítimo, são os períodos de calma das águas que terão maior significado, enquanto para outros as tempestades enfrentadas se constituirão como eventos inesquecíveis.

Todas as experiências, mesmo aquelas consideradas, às vezes, como não tão relevantes, contribuem para o amadurecimento e para o crescimento dos seres humanos. A realização do Projeto Pedagógico *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* é um excelente exemplo da força transformadora, formadora e humanizadora do saber originado da experiência.

Durante as trocas orais em classe, as escritas dos sonetos e dos anúncios publicitários, consegui compreender, ainda mais, o poder da literatura na humanização dos sujeitos. Para contribuir com o processo de análise das minhas memórias enquanto professor/narrador-pesquisador, recorri aos questionamentos referentes à pergunta central e orientadora da pesquisa, bem como aqueles relacionados a evidenciar o alcance dos objetivos propostos. Assim, o ato de analisar estará nas respostas produzidas.

É válido frisar, porém, que em diversas situações uma mesma memória do professor/narrador-pesquisador em relação a interações verbais dos estudantes comumente contempla mais de um questionamento, pois os processos dialógicos existentes na formação dos indivíduos têm sempre caráter complementar, ou seja, não há como pensar, por exemplo, o êxito da humanização dos sujeitos por meio de um pleno letramento literário sem ocorrer, simultaneamente, a produção de diálogo entre o autor, o texto, o contexto e o leitor, de contrapalavras, de valorização das coisas, de interculturalidade, de formação humana/cidadã, além de ampliação de conhecimentos, de criticidade, de saberes culturais e de sentimento de empatia.

É demasiadamente relevante salientar que as lembranças a serem evocadas e registradas na presente dissertação não são a reprodução fiel das escritas dos estudantes da turma 81, mas sim as recordações, construídas pelas palavras do professor/narrador-

pesquisador, de fragmentos lidos nos momentos de correções ou de socializações dos sonetos e dos anúncios publicitários.

Então, como questão inicial, tem-se: *O letramento literário propiciou leitura de mundo, formação do homem, leitura do lugar onde vive/estuda, desenvolvimento de cidadania, conhecimento, criticidade, expressividade, empatia, ampliação cultural?*

Como já mencionado – essencialmente em subseções de *Da bússola, do percurso e dos sujeitos* – após o ato de ler cada poema, os educandos compartilhavam as falas de seus pais/responsáveis, avós, irmãos mais velhos, os quais, devido à idade, viveram mais perto ou vivenciaram os anos em que São Pedro de Alcântara estava começando a ganhar ares de distrito de São José e, depois, de município.

A oportunidade dos familiares de contarem aos alunos as dificuldades passadas por seus antepassados para fazer com que hoje a cidade possa ter as opções de lazer, de economia, de emprego, de saúde, de educação, de progresso social para ofertar a todos despertou nos estudantes olhares mais amplos, críticos, cidadãos e empático, partindo da relação *eu/outro*. Recordo-me do valor e do reconhecimento dado aos imigrantes alemães e ao povo alcantareense nos momentos de discussões em sala e nas produções textuais. Houve sonetos em que, a partir de pesquisa em livros e com a família, chegaram a ser mencionados dados como: o número exato de imigrantes que fundaram a primeira colônia alemã de Santa Catarina; o reconhecimento das dificuldades passadas por eles em relação ao idioma, o clima, o isolamento, mas, também, a garra, o suor, a coragem e o amor deles para com a vida e a formação da colônia; a situação de crise do povo europeu naquele momento histórico, a qual foi uma das motivações para virem ao Brasil; a valorização de um dos bairros do interior (Barro Branco) que, à época, possuía o maior comércio local; os movimentos coletivos desempenhados por lideranças das mais distintas localidades e pela população em geral, principalmente entre os anos de 1993 e 1994, para conseguir a emancipação político-administrativa da cidade.

Três trechos que li durante a correção das produções escritas tocaram-me muitíssimo quanto ao poder humanizador da literatura. Um citava algo como:

O Brasil independente virava e precisava aumentar a nação. O povo europeu em crise estava e para cá vieram achar uma solução.

O outro mencionava:

Um lugar pequenino cheio de amor para dar. Recebeu 635 imigrantes para um futuro começar. Em 1994, conseguiu seu

título de município e os habitantes foram comemorar. Porque antes era só um distrito e um município pode se formar.

Um terceiro relatava:

O “paraíso” prometido encontrei no machado. A espera da colheita muita fome passei. 190 anos sofridos de força e a vitória conquistei.

Certamente essas recordações não só passaram por mim como em mim ficaram por comprovarem a excelência atingida junto à turma 81 em aspectos relacionados à leitura de mundo, formação humana, leitura e diálogo com o lugar onde o estudante vive/estuda, desenvolvimento de cidadania, conhecimento, criticidade, expressividade, empatia e ampliação cultural.

Afinal, quando na expressão do sujeito já se percebe a compreensão histórica e as condições sociais que motivaram seus antepassados a fixar morada e trabalho em determinada região, torna-se mais fácil o entendimento do contexto mundial e do local, propiciando uma formação dialógica entre passado e presente cujo resultado traz maior significado aos indivíduos, pois passam a ter uma visão completa sobre o porquê da presente realidade é como é, além de conseguirem vislumbrar o futuro.

Observa-se também, nas lembranças elencadas, traços empáticos, críticos e expressivos com destaque ao que enfatiza a inversão total da promessa de paraíso feita pelo governo brasileiro, pois o adolescente notou o seu não cumprimento e colocou-se no lugar do imigrante perante os momentos difíceis vividos. No entanto, ele finaliza comentando a vitória dos alemães e, conseqüentemente, de todos os alcantarenses.

No fragmento que ressalta o ano de 1994, assim como nos demais, o desenvolver do conhecimento, da cidadania e do sentimento pelo município estão bem presentes, visto que traz explicitamente a ideia de amor pela cidade, bem como suscita implicitamente concepções de superação, de coletividade, de engajamento, de ativismo e de posicionamento social.

Quanto a outros questionamentos que nos fizemos: *O signo ideológico teve alcance na escrita do aluno? O educando desenvolveu maior valoração das coisas*, essas duas perguntas servem como parâmetros para continuar a análise das minhas memórias. Expresso que diversas ponderações dos educandos – sejam em seus sonetos ou nos anúncios publicitários ou, ainda, na própria maneira de argumentar com os colegas e com o professor – externaram o alcance do signo ideológico e a conseqüente valorização das coisas.

Saliento, a partir de guardados que me marcaram, registros discentes nos quais era reconhecida, por exemplo, a importância que o bairro de Barro Branco, situado na área rural de São Pedro de Alcântara, teve, historicamente, para o comércio local e para o sustento das famílias alcantarenses. Isso porque moradores de localidades vizinhas – hoje emancipadas como Antônio Carlos – vinham até a primeira colônia alemã comprar mantimentos, tecidos e outros itens. Na época, Barro Branco era um “centro comercial” para habitantes e visitantes.

Atualmente, o bairro não tem relevância alguma na opinião de muitos jovens, pois apresenta pontos negativos à vida capitalista contemporânea como ser bem distante do centro, ter um acesso de estrada de chão muito ruim, possuir grupos familiares que falam dialetos alemães e viver de uma agricultura precária. Logo, constatamos que as ações do projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* conseguiram compreender a palavra como realmente é, ou seja, como signo que carrega em si valores constituídos nas relações sociais de uma comunidade, como é o caso de alcantarense.

Desse modo, ao pensar a partir dos entendimentos distintos atribuídos a Barro Branco, percebeu-se que o valor dado pelos munícipes mais antigos ao bairro é decorrente do significado que vinculam a ele perante a história da cidade. Enquanto os alcantarenses mais jovens, antes das atividades desencadeadas pelo projeto pedagógico, não tinham conhecimentos que pudessem dar-lhes valor, dentro de suas relações sociais, à localidade.

Em suma, tomando as concepções bakhtinianas, vê-se que os signos ideológicos refletiram e refrataram a realidade dos e para os estudantes, possibilitando-os mudar a valoração que tinham sobre as coisas. Aliás, materiais de publicidade feitos em sala, cuja divulgação aconteceu na *Oktoberanz* e nas mídias da escola, comprovam os novos olhares de valoração positiva e significativa, posto que as belezas naturais, as comidas típicas, as festas religiosas e culturais, as edificações impregnadas de história e muitas delas baseadas na arquitetura germânica fizeram-se presentes nos registros dos educandos. Enfim, era de encher os olhos e o coração o acompanhamento processual da mudança de postura, de sensibilidade e da maneira de compreender a cidade. Relato aqui dois trechos que li em anúncios publicitários elaborados pela classe do oitavo ano.

Um era mais ou menos assim:

Venha conhecer São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã de Santa Catarina. Aqui você pode acessar a história e a tradição germânica de um povo de fé e de atitude através dos pontos turísticos. Você pode aproveitar as paisagens naturais

como as cachoeiras e desfrutar de um dia maravilhoso com sua família. Você ainda pode saborear as comidas típicas alemãs como: cuca e recheio. Em 2019, as festas estão ainda melhores, porque estamos comemorando 190 anos de Imigração Alemã.

Numa outra escrita, li algo semelhante a:

A primeira colônia alemã catarinense foi fundada em 1º de março de 1989. Ela tem muitos pontos turísticos: Igreja Matriz, Igreja do Santuário Bom Jesus da Santa Cruz, Igreja de Barro Branco, Pesque e Pague, Churrascaria Kretzer, Café Colonial Girassol, Parque Aquático Recanto das Pedras, Cachoeira do Salto, Feirinha Arte e Sabor, Café da Praça, Rotas da Cachaça etc. Venha conhecer um pedacinho da Alemanha no Brasil.

Retornando aos questionamentos norteadores para a análise de minhas memórias, tem-se: *O envolvimento com o texto literário provocou contrapalavras? Qual a relação entre palavra minha/palavra outra?*

Ao que tange à percepção de contrapalavras e palavra minha/palavra outra nas escritas motivadas pela leitura literária durante o projeto pedagógico, torna-se prudente reforçar que os conceitos de “palavra alheia” e “palavra minha” – apresentados por Bakhtin (2003) em sua obra *Estética da criação verbal* – são excelentes parâmetros para sustentar a definição desse termo. Afinal, a partir da posição em contrapalavra ao texto, o leitor apodera-se da “palavra alheia” – que traz em si sua expressividade e seu caráter valorativo – une-a às suas vivências particulares, transformando-a em “palavra própria alheia”. Na sequência, acontece a geração de um dizer novo e autônomo, cuja interação entre o “outro” e “eu” origina a “minha palavra”. É a relação dialógica e responsiva que enaltece a riqueza do ato de ler.

Lembrando das produções textuais dos estudantes, permito-me esquematizar dois exemplos de contrapalavra e palavra minha/palavra alheia no quadro a seguir:

Poema Literário Lido	Contrapalavras
<p>“Logo à frente, frustração Morros, montes, penhascos Imigrantes largados, sem proteção Abrir clareira na mata, opressão</p> <p>Omissão dos governantes, deserção Acampar em novo abrigo, descansar Paixão pela nova terra, nossa missão Misérias, abandonos, nova promessa...</p> <p>(Trecho do poema O Sertão, de Luiz</p>	<p><i>Chegando em Santa Catarina viram que não era bem assim. Foram levados para terras distantes E desbravaram as matas sem fim. Abandonados estavam os imigrantes.</i> (Trecho produzido a partir da memória do professor/narrador-pesquisador)</p>

Cláudio Stähelin)	
Ajudai vir ao mundo nossos filhos por tuas santas mãos Por um agrado qualquer, receitas contra os males da população Para partejar não tem hora, nem lugar, para adentrar pelas matas Nilas, Tilas, Fridas... Senhoras moça Que cozinham, lavam, varrem e capinam a roça Curai as mazelas de vosso pobre povo, que lhes são gratas (Trecho do poema <i>Ajudadeiras</i> , de Luiz Cláudio Stähelin)	<i>Famílias formadas no amor e na esperança Que parteiras trazem ao mundo suas crianças Reconhecem o valor das mulheres por Deus iluminadas Que, como dona Maria Junkes, têm mãos abençoadas.</i> (Trecho produzido a partir da memória do professor/narrador-pesquisador)

(Fonte: produzida pelo Autor.)

Outras perguntas relevantes para o ato de analisar as lembranças do professor-pesquisador são: *De que forma o diálogo se manifesta? O que o enunciado concreto provoca? A quem a escrita foi dirigida? Qual a sua finalidade e que efeitos de sentido desencadeia? Como o gênero proposto dialogou com o gênero lido?*

O diálogo motivado pelo Projeto Pedagógico: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, a partir das contribuições de Bakhtin, manifestou-se – tanto no ato de leitura literária quanto nas oportunidades de comunicação verbal entre os próprios estudantes, entre eles e o professor e/ou entre eles e os familiares – como um momento propício para a reflexão dos aspectos próprios das interações sociais cuja finalidade era desenvolver espaços para confrontos de ideias, as quais, por meio do exercício de acolher e repensar, fomentariam uma compreensão mais ampla da realidade social.

É fundamental acrescentar que o próprio diálogo entre os gêneros propostos para as produções textuais dos educandos e o gênero lido ocorreu, também, pela solicitação da escrita de sonetos e pelo fato principal de refletir e refratar novos olhares, novos entendimentos vindos de concepções complexas sobre os signos ideológicos presentes na realidade dos alunos e abordados no livro *Um Caminhão Alemão*.

No tocante a quem as escritas dos estudantes foram dirigidas, é fato afirmar que não foram direcionadas apenas a mim enquanto professor. Na verdade, vejo-me até hoje como um sujeito privilegiado por ter tido a honra de ser o primeiro leitor das produções de meus alunos, além de ter a oportunidade de, através das trocas sociais e cognitivas estimuladas por nossas ações dialógicas, poder contribuir no aperfeiçoamento de seus textos. Os sonetos e os anúncios publicitários foram, na realidade, sempre dirigidos a

toda comunidade, fazendo uso do espaço escolar, das redes sociais da unidade de ensino, da divulgação na *Oktobertanz* e da socialização na Câmara de vereadores para atingir o seu propósito.

Quanto à indagação que trata do enunciado concreto, consigo trazer à presente análise, voltando aos guardados de minhas lembranças, seu caráter, de acordo com os pressupostos bakhtinianos, de ser inédito, singular, único e fruto de situações discursivas concretas e em campos distintos da atividade humana. A resposta ao processo dialógico de interação com os enunciados anteriores – no caso dos enunciados trazidos pelos estudantes antes das ações desenvolvidas pelo projeto pedagógico, dos existentes na obra de Luiz Cláudio Stähelin, dos ocasionados pelas interações com o professor e os familiares – é que motiva o enunciado novo.

O dialogismo, a alteridade e o excedente de visão, com certeza, produziram enunciados concretos aos/nos sujeitos a partir de comunicações verbais que fomentaram reflexões sobre os imigrantes alemães, a cultura e a história de São Pedro de Alcântara. Assim, tornaram-se perceptíveis os efeitos de sentido nas escritas dos estudantes quando explicitavam o sentimento de pertencimento à cidade.

Trago em minha memória, das escritas dos estudantes da turma 81, dois trechos de anúncios publicitários e uma estrofe de soneto. Eles me tocaram por deixarem explícito o sentimento de pertencimento mencionado e por, conseqüentemente, estarem alinhados às explicações dadas aos questionamentos anteriores.

Em uma produção publicitária, lembro que havia algo como:

Os nossos produtos artesanais merecem bastante atenção. Caso você goste de nossas bebidas, aproveite a visita para conhecer a Rota da Cachaça.

Havia um outro anúncio cuja direção era semelhante a:

A Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina enche-nos de orgulho de nossos antepassados e do legado que nos deixaram. Venha você também conhecer e sentir-se parte de nossa cidade.

Em um soneto, recorde de um quarteto que trazia:

*Tenho muito orgulho em ser alcantarense.
Sempre temos nossos costumes presentes
E destes hábitos não abro mão,
Pois sou descendente de Alemão.*

O sentimento de pertencimento dos alunos está muito evidente nos excertos, pois eles se colocaram como sujeitos alcantarenses que têm orgulho e empatia por seus

antepassados, pelo título de primeira colônia alemã do estado catarinense, pela história edificada desde a imigração até a atualidade, bem como pelos elementos culturais típicos da cidade. Os pronomes utilizados (*nosso, nossos, nossa, nos*) e os próprios verbos (*tenho, temos, abro, sou*) remetem à posse, à ideia de responsabilidade e de pertencimento, ao entendimento de valorização do lugar em que vivem/estudam.

Como última pergunta a ser respondida, temos: *De que maneira a interculturalidade pode ser evidenciada?*

Partindo do princípio de que a alteridade e o excedente de visão bakhtinianos são os melhores caminhos para compreender a interculturalidade, as pessoas se reconhecem como seres inacabados e em constante construção. Logo, veem a relevância do diálogo nos mais distintos contextos de constituição do indivíduo, inclusive no intercultural. O sujeito em uma relação dialógica, alicerçada no processo de colocar-se no lugar do outro e enxergar no outro os aspectos que excedem a sua cultura, consegue – sem preconceitos, juízos de valores e/ou apagamentos de si próprio – identificar-se com fatores anteriormente desconhecidos ou não detentores de valores para ele. É um exercício de empatia no qual nenhuma individualidade se perde, pois elas simplesmente engrandecem uma a outra.

Quando a turma 81, por meio da leitura literária e das atividades propostas, abriu-se à cultura até então reconhecida como alheia e a ter um olhar empático para com ela, a classe permitiu-se conhecer as características dos seus antepassados. Essa atitude possibilitou aos estudantes conversar com costumes, hábitos e crenças diferentes dos seus sem desmerecimentos, sem julgamentos. Então, ao “retornar-a-si”, voltam responsivos e modificados.

Muitos foram os registros feitos pelos educandos que demonstravam a interculturalidade em sua essência. Já não eram mais menosprezados ou considerados sem valor aspectos como: o ensino e a fala da língua alemã; as danças, as músicas e as roupas germânicas; os eventos destinados ao resgate e ao incentivo à valorização da cultura, da arquitetura, da gastronomia e da história dos imigrantes alemães; o orgulho de viver/estudar em São Pedro de Alcântara.

Resgatando as lembranças que por mim passaram, aconteceram e tocaram, relato algumas que podem, mesmo não sendo exatamente com as exatas palavras utilizadas por meus alunos, evidenciar a interculturalidade.

Excerto de um anúncio publicitário:

São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã de Santa Catarina, oferece, além da Oktobertanz – evento que abre as festividades alemãs catarinenses –, monumentos históricos germânicos e gastronomia típica. Venha conhecer e se apaixonar por uma cidade ordeira, com povo trabalhador e hospitaleiro.

Fragmento de um soneto:

*Hoje temos orgulho de nossos antepassados,
De suas lutas, seus costumes e trabalhos.
Afinal, somos fruto de um corajoso legado.*

A interculturalidade, assim como os demais princípios essenciais para a humanização do sujeito aparece, também, em outros trechos revivenciados através das memórias do professor/narrador-pesquisador na presente dissertação. O fato dos estudantes produzirem escritas que ficaram eternizadas sem dúvida alguma são reflexos de um conhecimento e de uma formação humana provindas do saber de experiência.

5.5 Uma pequena rachadura presente no casco da embarcação: algumas limitações do Projeto Pedagógico: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*

Tripulação feliz e ansiosa, o destino bem próximo e, antes de atracar, o comandante realiza uma última vistoria para certificar-se da integridade do navio. Eis que, como é possível de ocorrer depois de uma longa viagem, fragilidades podem ser percebidas. Dessa vez, uma pequena rachadura no casco da embarcação é identificada. O que fazer agora? Como a ancoragem no cais acontecerá em breve e não há risco à vida de ninguém, a solução é aguardar para, na sequência, averiguar com exatidão o defeito presente e propor estratégias para evitar que ele volte a aparecer.

Assim como durante ou no fim de uma viagem marítima alguns problemas podem ser evidenciados, na realização de uma atividade pedagógica isso também é possível. Desse modo – enquanto revivo o projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* por meio da narrativa de experiência – percebo, na condição de professor/narrador-pesquisador, que existiram certas limitações, algumas ações poderiam ter sido planejadas e postas em prática de forma diferente. Na verdade, essa percepção é totalmente aceitável e compreensível, porque, como sujeitos únicos e

singulares que somos, sempre observaremos as fragilidades a serem melhoradas para um plano futuro.

É imprescindível entender, ainda, que nunca conseguiremos replicar um ato e obter fielmente os mesmos resultados. A todo momento, estamos nos constituindo como sujeitos e, no caso de um docente, a cada ano letivo ele tem um novo grupo de estudantes formando a classe 61, a 71 e assim por diante. Portanto, para exemplificar, não há como esperar que as experiências de um trabalho com a turma 81 do ano de 2019 sejam idênticas as da turma 81 de 2020 e assim sucessivamente.

Ao evocar as minhas memórias para o presente estudo, constato certas necessidades de ajustes em relação ao projeto pedagógico desenvolvido com os alunos do oitavo ano matutino de 2019. A começar pela constatação de que o trabalho foi idealizado por mim e o executei em paralelo com os objetos de conhecimento curriculares propostos para a classe. Assim, não houve o engajamento de todos ou da maioria dos componentes curriculares. Ficou muito centrado só na disciplina de língua portuguesa. Além disso, por ter de dar conta dos conteúdos programáticos tradicionais, acabei não dedicando maior tempo ao projeto o que poderia ter lhe rendido mais êxito.

Analisando agora de forma crítica e com um olhar oportunizado pelo distanciamento temporal, concebo que a ação desempenhada poderia ter englobado todas as classes da escola, principalmente por estarmos, em 2019, na comemoração dos 190 anos de imigração alemã em São Pedro de Alcântara. Assinalo, também, que a participação dos pais/responsáveis nas atividades pedagógicas não foi planejada inicialmente para ter grande proporção. Logo, o engajamento deles, que já foi válido, poderia ter sido bem mais efetivo. Diante disso, para uma próxima execução, faz-se relevante constar do projeto situações que fomentem bastante o envolvimento dos familiares nos diálogos e nas propostas educativas.

Como última fragilidade vista a partir das análises das lembranças, cito a repercussão, além dos muros escolares, que as ações do *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho* alcançaram. Inicialmente, não estavam planejados momentos como a declamação de poemas por parte de membros da ACALLE, a manhã de autógrafos, os elogios e reconhecimentos provindos da comunidade externa à unidade de ensino, o envolvimento tão consistente dos estudantes ou a aclamação e plena receptividade da Câmara de Vereadores.

Enfim, ao construir e realizar o projeto pedagógico, minha intenção era despertar – subsidiado na leitura literária local, nas interações sociais e na produção escrita – uma

nova compreensão a respeito do lugar em que vivem/estudam. Ao desenrolar das etapas, pessoas se envolveram e espaços se abriram, os quais, de forma geral, não se tinha a pretensão de atingir. Portanto, para uma futura oportunidade, os ajustes apontados devem ser considerados.

6 DAS MEMÓRIAS GUARDADAS ÀS EXPERIÊNCIAS EM NOVOS MARES: A EXCELÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO FRENTE A UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE HUMANIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A Literatura é a porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação, na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um. Tudo o que lemos nos marca.

(Lajolo)

A embarcação atraca e a tripulação desembarca. É anunciado o fim de mais uma viagem marítima. Nos espaços do navio, o silêncio se faz presente. Todos os momentos vividos passam a integrar as recordações de cada indivíduo que teve o privilégio de experienciar aquele período. Ao pensar mais abrangentemente, surge a pergunta: afinal, o que permanece para o mar? Para ele, ficam as lembranças não só da última nau, mas sim de todas que por suas águas navegaram. Nesse sentido, o mar é extremamente privilegiado, pois se constitui da leitura, do diálogo entre diversos sujeitos e distintas realidades.

Para ofertar as “memórias das águas” para os estudantes no percurso da educação básica, é necessário desenvolver estratégias, propostas e ações pedagógicas que sejam significativas, reais e contextualizadas. A atividade a ser realizada precisa sair do abstracionismo e penetrar fortemente nos problemas que afligem os alunos e fazem parte de suas realidades sociais. O texto literário, nessa perspectiva, pode apresentar-se como alternativa rica de fomento ao diálogo entre a atualidade e os episódios históricos, entre os significados/sentidos atribuídos a algo na contemporaneidade e os expressados em outra oportunidade temporal.

Por meio da leitura, mesmo esporádica, podem [os alunos] estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania (PETIT, 2009, p. 16).

O apontamento de Petit (2013) reforça a relevância da leitura para com a formação cidadã. Portanto, ao elaborar um projeto pedagógico em língua portuguesa é fundamental fazer de seu eixo norteador a indissociabilidade entre língua e literatura, entendendo esta última em seu caráter humanizador. Em suma, proporcionar e valorizar a interação dialógica do educando com a obra literária é fator preponderante para atingir um fazer docente com vistas à humanização do sujeito.

A literatura, como já tratada em outras partes da dissertação, está impregnada de fatores históricos, sociais, culturais, artísticos, políticos, filosóficos, científicos que representam o pensar e o posicionar de um povo em um determinado período. O leitor, ao deparar-se com pensamentos e posicionamentos não idênticos aos seus, tende – quando de um exercício que estimula a reflexão, o diálogo, o fomento à alteridade, o excedente de visão, a empatia e a interculturalidade – a repensar a ordem social, as estruturas estabelecidas, a consciência de si e o seu entendimento de mundo.

O comportamento de questionar, de refletir, de analisar sob outro prisma é um dos fatores que pode levar à humanização do indivíduo, pois o leva a abrir-se ao novo, a ter uma atitude social mais ativa e responsiva perante o que ele acreditava ser pronto e acabado sem perceber e valorizar o papel das gerações anteriores e as lutas que travaram para a realidade ser como está posta. Conforme Antonio Candido, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (2004, p. 180). Para Bakhtin, a humanização é constituída na relação indissociável *eu-outro*.

Tratando brevemente da indissociabilidade entre língua e literatura, é relevante argumentar que Bakhtin chama como diálogo não apenas a conversa de dois sujeitos físicos em um mesmo espaço, mas sim qualquer comunicação verbal – destaco os livros – cuja finalidade culmina na reflexão de questões inerentes às interações sociais. A literatura e a língua são inseparáveis, porque, como bem conceituado pelo Círculo de Bakhtin, o interagir linguístico entre o *Eu* e o *Outro* em local socialmente situado – o texto literário é um desses lugares – possibilita o enfrentamento de opiniões, a reavaliação de concepções e, conseqüentemente, excita no sujeito a internalização de diferentes falas que auxiliam na construção da sua própria. Esse dialogismo, base de qualquer linguagem, é fruto dos enunciados e das enunciações ocasionadas pelas interações verbais. A língua, por ser histórica, social e ideológica, age na literatura em

sua essência, ofertando ao leitor uma consciência de si mais ampla e plural, porém nunca abandonando a sua subjetividade e individualidade.

Após enaltecer mais ainda a leitura literária como caminho ideal para a humanização dos indivíduos e de enfatizar a forte conexão entre língua e literatura, partimos para algumas considerações imprescindíveis a uma proposta de ação pedagógica cujo objetivo seja de caráter humanizador.

Primeiramente, torna-se interessante evidenciar, tomando como alicerce a subseção 3.3 *Praia Literária: A escola como um local privilegiado*, o papel do espaço escolar na formação de leitores, no processo de letramento literário. Afinal, a unidade de ensino é um ambiente socialmente organizado com o propósito de formar cognitivamente e intelectualmente as pessoas, enfatizando principalmente os estudantes. Diante de tal função, é preciso parar com as atividades que fazem da literatura um subterfúgio para abordar questões ortográficas, sintáticas, morfológicas, ler por ler, localizar informações etc.

A literatura, nas instituições educacionais, deve propiciar embate de ideias, compartilhamentos de saberes com o intuito de, além de conduzir à fruição, ser capaz, nas palavras de Rildo Cosson (2018), de estimular o leitor a “posicionar-se diante do texto literário, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos”. A sala de aula precisa ser ambiente favorável para ampliar os sentidos dos educandos por meio da carga histórica, cultural e de maior valoração social que a leitura literária possui.

Nessa direção, há também a contribuição de Geraldi (2015), em *A aula como acontecimento*, que afirma:

A linguagem não se presta apenas à comunicação. É nas interações com os outros que ela se materializa, não só a si mesma, mas também aos sujeitos que por ela se constituem, internalizando formas de compreensão do mundo, construindo sistemas antropológicos de referência e fazendo com que sejamos o que somos: sujeitos sociais, ideológico, histórico, em processo de constituição contínua (GERALDI, 2015, p.12).

Sobre sugestões para um planejamento pedagógico focado no trabalho com a leitura para a humanização dos sujeitos, recomendamos algumas etapas para a elaboração de ações que venham a gerar êxito. O primeiro passo é conhecer e analisar bem a região geográfica em que a escola está inserida, assim como observar atentamente a comunidade escolar e, principalmente, a(s) turma(s) na(s) qual(is) deseja implementar o projeto. Tal postura permitirá identificar quais as fragilidades (históricas,

culturais, sociais, artísticas, filosóficas, políticas etc.) atingem com maior impacto os estudantes e os indivíduos envolvidos.

A partir da percepção das necessidades, o estudo desenvolvido na dissertação *LANÇAR-SE AO MAR DA HUMANIZAÇÃO ANCORADO NUMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UM CAMINHO PEDAGÓGICO TRANSFORMADO EM NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA* apresenta um consistente aporte teórico que elenca, em especial, contributos de Bakhtin, de Antonio Candido, de Rildo Cosson e de Jorge Larossa, almejando: 1) uma boa compreensão sobre a grandeza do dialogismo, da alteridade, do excedente de visão na formação da consciência; 2) um perfeito entendimento a respeito da concepção de literatura e do conceito de humanização; 3) uma enriquecedora aproximação do saber de experiência, concebendo-o como fundamental para as atividades junto aos alunos, exatamente pela concepção do experienciar ser aquilo que não só passa, não só acontece, mas que *passa, acontece e toca* a pessoa.

Quanto aos passos metodológicos que podem ser postos em prática para desenvolver uma proposição pedagógica e aos critérios para realizar a análise dos resultados obtidos, determinadas seções da presente pesquisa são bastante oportunas. Na seção *Da bússola, do percurso e dos sujeitos* – entre a subseção 4.3 até o final da 4.4.2 – descrevemos todos os procedimentos adotados para realizar o projeto: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. Os registros exemplificam claramente um possível caminho a percorrer. Já para o ato de analisar – ao término de todas as ações planejadas – e avaliar o alcance das atividades propostas, há questionamentos balizadores.

Torna-se válido ressaltar que não estamos, nessa seção de proposição, divulgando nenhuma “receita pronta” de como construir e executar o projeto pedagógico. Esse posicionamento é decorrente da nossa ciência em virtude de que cada realidade é única, cada turma é singular e cada estudante é um. Portanto, não acreditamos na ideia de replicar uma ação e ter as mesmas respostas. Aliás, como seres em constante transformação e crescimento, o que uma atividade atingiu ontem pode ser muito diferente dos desfechos alcançados de hoje, apesar de realizada com os mesmos sujeitos.

Encerramos enfatizando a importância de o professor sempre registrar o vivido em forma de narrativa para que, desse modo, possa abrir caminhos para a reflexão a respeito do percurso trilhado, das ações desenvolvidas e dos resultados obtidos. Enalteçemos, ainda, o olhar atento do docente quanto à singularidade dos indivíduos,

pois, assim como aconteceu no projeto: *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, também será muito provável a identificação de limitações ou fragilidades em tantas outras propostas pedagógicas. O importante é sempre persistir no objetivo de bem formar/escolarizar/humanizar as crianças e os jovens que na educação básica estão.

7 UMA BREVE RETROSPECTIVA DO VIVIDO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS AOS OLHOS DO PROFESSOR-PESQUISADOR

A pesquisa realizada – cujas aberturas metafóricas das seções e subseções buscavam atrelar dados relevantes ao estudo com uma viagem marítima – foi motivada a partir do projeto pedagógico intitulado *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*. Foram ações desenvolvidas no decorrer do ano letivo de 2019, com educandos de uma classe de oitavo ano do ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de São Pedro de Alcântara, cujo intuito, após observação atenta do docente de língua portuguesa, era desempenhar – em paralelo aos objetos de conhecimento da matriz curricular – atividades, a partir da leitura literária, que acarretassem a reflexão humanizadora aos estudantes. A obra *Um Caminhão Alemão*, do escritor alcantareense Luiz Cláudio Stähelin, foi lida com e pelos alunos com o propósito de conhecer – principalmente dos antepassados alemães – aspectos históricos, econômicos, políticos, artísticos, culturais e sociais, além de aproximá-los de personalidades do município. Assim como houve o trabalho com a literatura local, também foram produzidas comunicações verbais as quais almejavam expressar como os sujeitos passaram a conceber a cidade em que moram/estudam.

A partir do resgate das memórias do professor-pesquisador, a pesquisa objetivava refletir, por meio da narrativa advinda do saber de experiência, o quanto o trabalho com o texto literário repercutiu na formação humanizadora do sujeito, com vistas a estimular a valorização cultural e o sentimento de pertencimento. Como eixo norteador estava o questionamento principal que visava a compreender como o trabalho com o texto literário, numa perspectiva bakhtiniana, havia contribuído para a humanização dos estudantes, além de uma pergunta, oriunda da questão central, a qual se propunha a tentar reconhecer nos sujeitos envolvidos, por meio da narrativa do professor-pesquisador, a valorização e o sentimento de pertencimento para com o lugar em que moram/estudam.

O referencial teórico sustentador da dissertação articulou o entendimento da escola como local privilegiado para o trabalho com o texto literário e como a literatura e o letramento literário são importantes para a formação humana do sujeito, ofertando-lhe condições de acessar conhecimentos do passado – no caso do projeto em foco – que o

fazem entender o presente e projetar o futuro, tanto em relação a si próprio quanto à sociedade em que está inserido.

Na articulação, buscamos destacar os princípios bakhtinianos do dialogismo, da alteridade, do excedente de visão e da interculturalidade enquanto exercícios fomentadores de um processo dialógico e histórico para a constituição do eu através das interações sociais com o outro. Nessa perspectiva, todas as pessoas são seres inacabados e que, portanto, a consciência de si é sempre uma resposta do contato e do colocar-se, de forma empática, no lugar do outro. Isso porque estar aberto, sem julgamentos prévios, ao diálogo e à interação é requisito essencial para a constante construção de cada um.

Ocorreu, ainda, a seleção de uma teoria cuja humanização fosse proposta principal, pois era necessário dominar o conceito e as ações a desenvolver para atingir um fazer pedagógico humanizador. Na verdade, as escolhas teóricas foram bastante felizes, visto que conversaram com leveza e perfeição, dando embasamento para os momentos de análise.

No percurso metodológico, recorrer à pesquisa narrativa foi a opção acertada em virtude de sua riqueza científica. O narrar provindo do professor-pesquisador mostra muito sobre ele e sobre seus olhares perante os estudantes, a comunidade escolar e o seu lugar de fala. Torna-se prudente frisar que a narrativa propõe a singularidade que um estudo precisa, porque reacender o vivido por meio das memórias deixa nítido que cada vivência é única e passa, acontece, toca o sujeito de maneiras distintas. Aliás, tomar o saber de experiência como pressuposto balizador das práticas docentes acarretará o planejamento de atividades muito mais significativas aos alunos.

As comunicações verbais – sonetos e anúncios publicitários – produzidas por cada sujeito pertencente à classe de oitavo ano de 2019 apresentaram-se como recursos imprescindíveis para o ato de analisar as memórias do professor-pesquisador na pesquisa de mestrado, uma vez que a recordação dos momentos vividos vinha à tona em episódios presenciados e, principalmente, em trechos lidos pelo docente, durante as aulas e nas oportunidades de reescritas, faziam-se presentes ao estudioso não nas exatas palavras usadas pelos estudantes, mas sim na carga de sentido por eles empregada.

É válido salientar que, inicialmente, a proposta era continuar o diálogo com os estudantes no ano de 2020 para que eles voltassem às produções suas e de seus colegas para o exercício da leitura e para reacender as lembranças do vivenciado. Então, através de outras ações, novas oportunidades de interação/registo seriam realizadas. Entretanto,

devido à pandemia da COVID-19, não houve condição de dar prosseguimento ao idealizado.

Então, a partir dos materiais construídos em 2019, o estudo realizado – com enfoque às análises desenvolvidas – trouxe informações consistentes para perceber que realmente o trabalho com o texto literário, em um processo de investigação com base em pressupostos teóricos bakhtinianos, favoreceu para a humanização dos sujeitos, pois as memórias do professor-pesquisador resgataram interações verbais que demonstravam que o letramento literário proporcionou uma nova e mais empática leitura de mundo e do lugar em que se vive/estuda. Os estudantes desenvolveram ampliação cultural, conhecimento, criticidade, expressividade e cidadania, características essenciais para a formação humana.

A lembrança que evidenciou o bairro de Barro Branco, por exemplo, demonstrou o quanto o signo ideológico atingiu alcance sobre a escrita dos alunos e como a maior valorização das coisas por meio do trabalho com o texto literário, o qual, aliás, provocou contrapalavras e manifestou relação entre a palavra minha e a palavra outra para a construção de sentidos.

Ainda nas recordações do professor-pesquisador foi possível verificar que o diálogo (autor, texto, contexto, leitor) desencadeou enunciados concretos e dirigidos aos próprios educandos, assim como aos seus familiares e a toda comunidade. Isso porque a veiculação, além-muros da escola, das produções escritas tornou aos visitantes, aos internautas e aos munícipes um novo horizonte a respeito da história, da cultura, da arte, da arquitetura, da economia, enfim, de diversos aspectos sociais alcantarenses. Faz-se válido ressaltar que um dos gêneros solicitados aos estudantes foi o soneto, o qual também se fazia presente na obra literária lida por eles.

Com o respaldo da interculturalidade bakhtiniana, assim como por todas as outras contribuições teóricas aqui mencionadas, a valorização e o sentimento de pertencimento ficaram evidentes. O resultado grandioso alcançado, através da pesquisa que se propôs a estudar as memórias do professor-pesquisador, fez-se sentir pela emoção, pela empolgação do mesmo em redigir cada etapa, cada momento do projeto pedagógico de 2019 e, principalmente, ao haver se certificado de que o objetivo de humanização dos sujeitos havia sido exitoso.

Com certeza, não foram os alunos da turma 81 os únicos a saírem modificados, humanizados do projeto *São Pedro de Alcântara – Nossa Terra, Nosso Orgulho*, pois o vivido também desencadeou reflexos e refrações na prática docente do professor-

pesquisador, uma vez que o saber de experiência se mostrara um caminho viável e frutífero. Logo, para qualquer ação pedagógica repercutir e ter excelência em sua conclusão é extremamente relevante pensar em temas reais, significantes e que se demonstrem como problemáticas aos olhos da classe ou, ao menos, do professor. Isso porque somente terá participação ativa e responsiva o docente cuja sustentação do planejamento for pensada em ser, nas palavras de Larrosa (2012), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, o que toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Não há uma fórmula pronta de como trabalhar com a leitura literária, bem como não existe uma proposta impecável, pois, ao evidenciar pelo próprio trabalho desencadeador da dissertação, algumas fragilidades tendem a surgir durante o seu desenvolvimento. Todavia, é essencial afirmar que as vulnerabilidades identificadas não desmereceram o projeto, mas servem e servirão para repensar o planejamento e as atividades de uma futura ação pedagógica.

Com certeza, ao tomar como parâmetro o brilho no olhar do professor-pesquisador refletido e refratado no retorno dos estudantes – o qual não se pode ver, mas se pode sentir pelos registros apresentados na pesquisa – é demasiadamente relevante manifestar o poder que a literatura tem para a humanização dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Santino de. **Os alemães estão chegando**: discursos sobre o imigrante alemão em S. C. (1850-1890). 2000. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. M. **O freudismo**: um esboço crítico. Tradução Paulo Bezerra. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Prefácio de Roman Jakobson. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAZARRA, Lourdes. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudanças**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B (Org.). **Dialogismo e construção de sentidos**. 2.ed.rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.
- BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil, 2017. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/legislacao_normas/2017/decreto_N_9057_25052017.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394. **Diário Oficial da União**, Brasília, D. F., 20 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRITO, Antero Jozé Ferreira. **Fala que o presidente da província de Santa Catarina, Antero Jozé Ferreira de Brito, dirigiu à Assembleia Legislativa da mesma província na abertura da sua sessão ordinária, em 1º de março de 1844.** Cidade do Desterro: Typ. Provincial, 1844. Acesso em: 07 mar. 2020. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/931/000028.html>.

BRONKART, J. P. Le texte comme lieu d'articulation de la didactique de la langue et de la didactique de la littérature. *In*: CANTERO, F. J. et al. (ed.). **Didáctica de la lengua y la literatura para una sociedade plurilingue del siglo XXI.** Barcelona: SEDLL-Universidad de Barcelona, 1997.

BUENO, Andréia; CARAMÉZ, João; BACKES, Luana; CASTRO, Rodrigo. **A campanha de nacionalização na era vargas.** Disponível em: <http://hipermidia.unisc.br/tempoznazistas/nazismo-era-vargas.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de Intervenção.** São Paulo: Editora 34: Duas Cidades, 2002. p. 77-92.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Queros, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** *In*: CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil.** 1. ed. Recife: Paulus, 2002.

CLANDINI, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018b.

COSTA, S. V. Dialogismo e intertextualidade. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DE GÊNEROS DO DISCURSO. **Textos círculo 2010.** São Carlos, 19 set. 2010. Texto em HTML. Disponível em: <http://textosgege.blogspot.com/2010/09/dialogismo-e-intertextualidade.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como aula acontecimento**. 2ª Ed. São Carlos: Pedro e João, 2015.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Anglo, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **Da língua para a linguagem**: outros rumos de pesquisa. Pernambuco: [s. n.], 2014. Texto de aula magna proferida em 17 mar. 2014 nos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1482808/da-l%C3%Adngua-para-a-linguagem-outros-rumos-de-pesquisa-jo%C3%A3o>. Acesso em: 01 mai. 2020.

GIOVANI, Fabiana. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 2010. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

GIOVANI, Fabiana. **O texto na apropriação da escrita**. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

INSTITUTO BUTANTAN. **Home - Instituto Butantan**. São Paulo: Instituto Butantan, 2021. Documento em HTML. Disponível em: <https://butantan.gov.br/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

JANZEN, H. E. **Mediação cultural, abordagem comunicativa e ensino de LE**: o conceito linguístico de Bakhtin e os pressupostos da interculturalidade. 1998. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 02, p. 04-27, nov. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 03 abr. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr. 2002. p. 01-11.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, T. T. (Org). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-85.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogias e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2008.

LOHN, Paulo Henrique et. al. **Discurso proferido aos vereadores da Câmara Municipal de São Pedro de Alcântara pelos alunos da turma 81 da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho**. São Pedro de Alcântara: [s. n.], 2019. Texto elaborado coletivamente pelos discentes e docentes da escola.

MOREIRA, J. A., & SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, 2020, V.20. Goiânia/GO. 2020. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. [Brasil]: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Primeiro caso de Covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **RESOLUÇÃO CME Nº 04/2020**. Dispõe sobre o processo de validação, avaliação, reorganização do calendário escolar para a Educação Básica, durante o regime especial de atividades escolares não presenciais, em razão da Pandemia da Covid-19, para fins de cumprimento do calendário letivo do ano de 2020, na Rede Municipal de Ensino de São Pedro de Alcântara. São Pedro de Alcântara: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, 2020.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 01-22, dez. 1993.

OLIVEIRA, L. D. G. C. Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, 12; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO. SIRSSE, 3, 2017, Curitiba-PR.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2001.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savari. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Col. Logos.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2 ed. São Paulo Editora 34, 2009.

PROJETO Político Pedagógico da Escola Básica Municipal Dr. Adalberto Tolentino de Carvalho. São Pedro de Alcântara: [s. n.], 2019.

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, São Paulo, ano XIV, v. 15, n. 16, 17-34, jan./dez. 2008.

RETRATOS do Brasil. Instituto Pró-livro, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratoDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 28 mai. 2019.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. **Laudo avaliativo da versão preliminar da BNCC de Língua Portuguesa; leitura crítica inclui avaliação de documentos que contextualizam a BNCC de Português**. Brasil: Rauer Ribeiro Rodrigues, 2017. Documento em PDF. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Parecer_3_LP_Rauer_Ribeiro_Rodrigues.pdf. Acesso: 25 abr. 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTANA, José Acácio. **Hino de São Pedro de Alcântara**. São Pedro de Alcântara, [20-?]. Disponível em: http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/hotsites/cidades-alemas-do-brasil-sao-pedro-de-alcantara-sc. Acesso em: 07 mar. 2020.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 525, de 23 de março de 2020**. Dispõe sobre novas medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus e estabelece outras providências. Santa Catarina: Governo do Estado de Santa Catarina. Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/DECRETO_525.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **RECONHECER para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Decreto nº 039, de 13 de abril de 2020**. Dispõe a aplicabilidade automática dos Decretos e Regulamentos editados pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com vistas a estabelecer medidas de enfrentamento e contenção do contágio da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), disciplina o uso de máscaras domésticas pela população, estabelece regras para o funcionamento dos serviços públicos, e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2020. Disponível em: <https://www.diariomunicipal.sc.gov.br/site/?r=site/acervoView&id=2439194>. Acesso em: 04 jun. 2021.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Lei nº 402, de 14 de setembro de 2006**. Dispõe sobre a Oficialização e Realização do Evento OKTOBERTANZ no Município de São Pedro de Alcântara e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2006. Disponível em:

https://static.fecam.net.br/uploads/11/arquivos/14767_Lei_402.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Lei nº 699, de 14 de agosto de 2012**. Dispõe sobre a Criação do Dia da Consciência Alemã no Município e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2012. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/11/arquivos/15276_Lei_Ordinaria_n6992012.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Lei nº 717 de 20 de novembro de 2012**. Institui os feriados municipais de São Pedro de Alcântara e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2012. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/11/arquivos/15306_Lei_Ordinaria_n7172012__Pro_mulgada_pelo_Presidente__apos_derrubada_do_Veto_e_nao_promulgacao_do_Prefeito_.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Lei nº 723, de 19 de dezembro de 2012**. Institui as Disciplinas de Alemão e de Inglês como Obrigatórias no Currículo do Ensino Fundamental e Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2012. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/11/arquivos/15318_Lei_Ordinaria_n7232012.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. **Lei nº 860, de 28 de abril de 2014**. Declara de Utilidade Pública a Associação Catarinense de Letras – ACALLE e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Prefeitura de São Pedro de Alcântara, 2012. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/11/arquivos/131323_Lei_Ordinaria_n8602014.pdf. Acesso em: 05 mar. 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade a pesquisa narrativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-18, 2017.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo; SIMAS, Vanessa França (Orgs.). **Narrar o vivido, narrar o narrado**. Encontros e oficinas de formação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. O currículo como narrativa étnica e racial. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007. p. 99-104.

SMOLE, Kátia Stocco. **Jogos de Matemática de 6ª a 9ª**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, M. H. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2006.

STÄHELIN, Luiz Cláudio. **Um Caminho Alemão**. São Pedro de Alcântara: CCL, 2017.

STEINER, G. **Lenguaje y silencio**. Barcelona: Gedisa, 1994.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TORQUATO, C.P. Interculturalidade e o ensino de PLE. In: GEGE – Grupo de Estudo dos Gêneros do Discurso. **ARENAS de Bakhtin** – linguagem e vida. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2008. p.77-89.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **RESOLUÇÃO Nº 003/2020**. Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS. Natal: UFRN, 2020.

VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/792/767>. Acesso em: 07 mar. 2020.

VIGOTSKI, L. S. (1926/2010). **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

Soneto de Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.

(Vinícius de Moraes)

Gênero de Força

Do lar, mamãe, dependência forçada.
 Corpo, sensualidade e beleza padronizada.
 Meu trabalho vai além do doméstico,
 Meu valor ultrapassa os padrões estéticos.

Represento o empoderamento
 Depois de séculos de sofrimento.
 Nunca mais serei excluída,
 Quero me fazer ser ouvida.

Basta de julgamentos infundados.
 Chega de imposições de certos e errados.
 Lutarei diariamente por direitos igualitários.

Afinal, descendo das guerreiras carbonizadas em dor,
 Das memórias em cinzas fortificadas com vigor.
 Sou mulher! Sou encanto, independência e amor.

(Elaine Aparecida Lohn)

Maria Junkes, O Anjo da Vida

Tendo seu nome em farmácia,
Jamais escondeu sua perspicácia.
Mulher de grande atitude
Tem seu nome em posto de saúde.

Ao completar trinta e um,
Mostrou-se “a obstetra incomum”.
Foram cerca de três mil cento e trinta e sete partos
Feitos em pequenos quartos.

Crianças vivas,
Mortes consecutivas,
Mas o sorriso prevalecia
Da eterna dona Maria.

Grande farmacêutica.
Por que não dizer terapêutica?
Porque era tanto conhecimento
Que até estancava sangramento.

Nada de casamento,
Trabalho e disponibilidade
Para com sua cidade
Era seu argumento.

De mulher, a senhora.
No presente, outrora.
A parteira aflora,
Que nos deixou indo embora.

(Samuel da Cunha)